

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ – PUCPR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO – PPAD
ESCOLA DE NEGÓCIOS
DOUTORADO EM ADMINISTRAÇÃO

LUÍSA DA ANUNCIAÇÃO DAVID ANTÔNIO

**O COLONIZADOR IMPORTA? A INFLUÊNCIA DAS COLÔNIAS NO
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL DOS PAÍSES.**

CURITIBA
2020

LUÍSA DA ANUNCIACÃO DAVID ANTÓNIO

**O COLONIZADOR IMPORTA? A INFLUÊNCIA DAS COLÔNIAS NO
DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL DOS PAÍSES.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Escola de Negócios da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Administração.

Orientador: Prof. Dr. June Alisson Westarb Cruz.

CURITIBA
2020

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Pamela Travassos de Freitas – CRB 9/1960

Antônio, Luísa da Anunciação David
A635c O colonizador importa? a influência das colônias no desenvolvimento
2020 econômico e social dos países / Luísa da Anunciação David Antônio ;
orientador: June Alisson Westarb Cruz.– 2020.
61 f. : il. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba,
2020
Bibliografia: f. [57]-61

1. Colonização. 2. Colônias – Aspectos sociais. 2. Desenvolvimento
econômico. 4. Desenvolvimento social. I. Cruz, June Alisson Westarb.
II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Pós-Graduação em
Administração. III. Título.

CDD 20. ed. – 325.3

TERMO DE APROVAÇÃO

O COLONIZADOR IMPORTA? A INFLUÊNCIA DAS COLÔNIAS NO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL DOS PAÍSES.

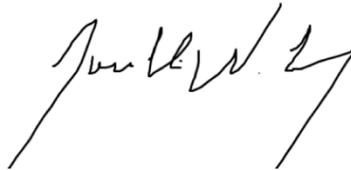
Por

LUÍSA DA ANUNCIACÃO DAVID ANTÓNIO

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do Título de Doutora no Programa de Pós-Graduação em Administração, Área de Concentração em Administração Estratégica, da Escola de Negócios da Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

Angela Cristiane Santos Póvoa

Prof^a. Dra. Angela Cristiane Santos Póvoa
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Administração



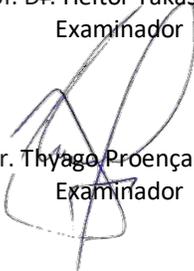
Prof. Dr. June Alisson Westarb Cruz
Orientador



Prof. Dr. Ubiratã Tortato
Examinador



Prof. Dr. Heitor Takashi Kato
Examinador



Prof. Dr. Thyago Proença de Moraes
Examinador

Fernando Serra

Prof. Dr. Fernando Antonio Ribeiro Serra
Examinador

Dedico este trabalho a Deus Pai; Filho;
Espírito Santo e a minha irmã Janice
Manuel.

AGRADECIMENTOS

Porque d'Ele, por Ele e para Ele são todas as coisas.

Primeiramente, gostaria de agradecer a Deus Pai, Filho e Espírito Santo por tudo. Valeu a pena!

Agradeço o apoio incondicional, as orações e os conselhos de minha Mãe, Ana David, ao longo da minha formação.

Agradeço a minha mãe 2, pelo apoio e incentivo incondicional ao longo da minha formação.

Agradeço aos meus irmãos/irmãs Janice Manuel, Irina Tomás, Rosário David e Lidio Ednezer, pelo apoio, confiança e incentivo.

Agradeço de forma especial a minha irmã Janice Manuel, pelo incentivo, companheirismo, dedicação, apoio e motivação prestada durante a realização do trabalho.

Agradeço a minhas pérolas, Nariany Alexandra e Ariela Alexandra, pelo amor, entendimento, abraços e sorrisos transmitidos.

Ao Prof. Dr. June Alisson Westarb Cruz, meu orientador, por aceitar o desafio de orientar esse trabalho, pela paciência, disponibilidade, amizade e por abrir as portas de sua casa, compartilhando seu bem maior: a “família”. O mundo seria bem melhor se existissem mais pessoas como o Senhor.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Administração da PUCPR, em especial aos Professores Heitor Kato, Jansen Corso e Ângela Póvoa, pelo suporte dado durante todos esses anos, pelos cuidados prestados e pela paciência.

Aos meus colegas da turma de Doutorado em Administração 2016 - 2020, pelo carinho, apoio, ajuda, ombro amigo. Foi verdade o nosso lindo *slogan* no grupo: “Agente tá junto, pessoal”. Meus profundos agradecimentos. Vocês contribuíram muito para a realização deste trabalho.

A todos que direta e indiretamente contribuíram para a realização deste trabalho, o meu muito obrigada!

RESUMO

Ao longo da história, o mundo foi dividido entre “colonizados” e “colonizadores”. As principais potências europeias empreenderam seus esforços com o processo de colonização de territórios em vários continentes. Esses territórios deram origem a países com características específicas, mas com um ponto em comum: a herança deixada pelo colonizador. Embora tenha ocorrido a descolonização, os colonizadores deixaram aos colonizados muitas heranças que, além de contemplarem cultura, língua e política, também envolvem aspectos de desenvolvimentos econômicos e sociais. Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo central analisar, por meio da análise de regressão linear múltipla, a relação das colônias de Portugal, Espanha e Inglaterra no desenvolvimento econômico e social dos países por eles colonizados. Trata-se de um estudo descritivo e exploratório, com abordagem predominantemente quantitativa. Optou-se pelo método secundário como origem de dados, oriundos de diversos documentos disponíveis em sites institucionais, bases de dados, artigos científicos, relatórios e sites que divulgam resultados dos países objeto da pesquisa. A análise dos dados coletados ocorreu por meio do *software* IBM SPSS *Statistics*, versão 21. A análise permitiu evidenciar como resultados: o colonizador não importa, mas sim a forma de colonização no D.S. e no D.E. dos países colonizados. Todavia, os resultados não explicam a influência do colonizador no D.S. e no D.E. de suas ex-colônias. Assim sendo, podemos concluir que os desenvolvimentos dos países não estão relacionados ao colonizador, mas ao tipo de colonização, o qual influenciou os fatores políticos como governo, educação e saúde, a integridade do país, o aumento da produtividade dos fatores de produção, o avanço da tecnologia e outros. Porém, esses fatores devem ser levados em consideração, pois no contexto organizacional o retorno dos investimentos e a geração de lucros é essencial. Por isso, uma organização, ao investir num determinado país, analisa se os indicadores econômicos e sociais, a história do país, a língua, a colonização, o crescimento econômico, as políticas internas e outros favorecerão seu desempenho e esse, conseqüentemente, influenciará o desenvolvimento social e econômico local (ZAMBERLAN, 2008).

Palavras-chave: Colonizador; Desenvolvimento Econômico; Desenvolvimento Social.

ABSTRACT

Throughout history, the world has been divided between the “colonizer” and the “colonized”. The main European powers channeled their efforts into the process of colonization of territories in various continents. These territories originated countries with specific characteristics, but with one common aspect among them: the heritage left by the colonizer. Although there has been a process of decolonization, the colonizers left a great heritage to the colonized countries. Aside from embracing culture, language, and politics, this heritage also encompasses social and economic development aspects. In this regard, this study aims to analyze the relation between the colonies of Portugal, Spain, and England in the economic and social development of the countries that were colonized by them, by means of simple linear regression. It is a descriptive and exploratory study, with a predominantly quantitative approach. We opted for the secondary data collection method, from various available documents in institutional websites, data bases, scientific papers, reports, and websites that publish results regarding the countries that form the object of the research. The analysis of the collected data was made by means of the IBM SPSS Statistics software, version 21. The analysis revealed the following results: the colonizer is not relevant, but rather the type of colonization in the S.D. and in the E.D. of colonized countries. Nevertheless, the results do not explain the influence of the colonizer in the S.D. and in the E.D. of their ex-colonies. Thus, we can conclude that the countries’ developments are not related to the colonizer, but to the type of colonization, which influenced political factors such as government, education and health, the country’s integrity, productivity growth of production factors, advance in technology, among others. However, these factors must be taken into consideration, given that return on investment and profit generation are essential in the organizational context. That is the reason why an organization, when investing in a certain country, analyzes whether the social and economic indicators, the country’s history, language, colonization, economic growth, internal policies, and other factors will benefit its performance, which, consequently, will influence the local social and economic development (ZAMBERLAN, 2008).

Keywords: Colonizer; Economic Development; Social Development.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Representação Metodológica das Etapas Operacionais da Pesquisa.	28
Quadro 2 - Origem dos países colonizados por Portugal.	30
Quadro 3 - Origem dos países colonizados pela Inglaterra.	31
Quadro 4 - Origem dos países colonizados pela Espanha.	32
Quadro 5 - Classificação dos clusters.	42
Quadro 6 - Resumo do modelo da análise de variância.	48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Estatísticas de alguns países colonizados por Portugal.	18
Tabela 2 - Estatísticas de alguns países colonizados pela Inglaterra.	20
Tabela 3 – Estatísticas de alguns países colonizados pela Espanha.	21
Tabela 4 - Índices de desenvolvimento econômico e social das colônias.	33
Tabela 5 - Índices de desenvolvimento econômico e social dos países colonizados. ...	34
Tabela 6 - Estatísticas Descritivas da amostra.	39
Tabela 7 - Apresentação do resultado da análise fatorial das dimensões.	41
Tabela 8 - Resumo do modelo da análise de regressão linear.	46
Tabela 9 - Resultado descritivo da análise de variância.	47
Tabela 10 - Teste de Tuckey sobre o desenvolvimento social e econômico.	49

SIGLAS E ABREVIATURAS

% Populs_S_B - Percentagem da População Servida Com Saneamento Básico

Taxa Desemp - Taxa de Desemprego

D. Representativa - Democracia Representativa

D.E - Desenvolvimento Econômico

D.S - Desenvolvimento Social

Desenv. Econ - Desenvolvimento Econômico

Desenv. Social - Desenvolvimento Social

Despes Educaç (% Pib) - Despesas em Educação percentagem do PIB

Despesas Saúde (%Pib) - Despesas em Saúde percentagem do PIB

E.U.A - Estados Unidos da América

Expectat Vida - Expectativa de Vida

F. Const. - Formas de Constituição

Facilid Invest - Facilidade de Investimento

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

Indic Corrup - Índice de Corrupção

Inflaç Preço Consu - Inflação sobre o preço de consumo

Monarquia Parlament - Monarquia Parlamentar

N. Zelândia - Nova Zelândia

PALP - População Abaixo da Linha de Pobreza

PIB - Produto Interno Bruto

Popula--_analfa - População Analfabeta

Populaç - População

R. Federal - República Federal

R. Dominicana - República Dominicana

Repúbl Semi Presidencial - República Semipresidencial

República Constit. Federal - República Constitucional Federal

S. Governo - Sistema De Governo

S. Vic. Granadinas - São Vicente e Granadinas

São C. Név - São Cristóvão e Neves

São Tomé e Princ. - São Tomé e Príncipe

São V. Gra - São Vicente e Granadinas

T_ Desempro - Taxa de Desemprego

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA	11
1.2 OBJETIVO GERAL.....	12
1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
1.4 JUSTIFICATIVA DA PROPOSTA DE PESQUISA	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-EMPÍRICA	14
2.1 COLÔNIA & COLONIZAÇÃO	14
2.2 EVIDÊNCIAS HISTÓRICAS DA COLONIZAÇÃO: UMA VISÃO ESTRATÉGICA.....	15
2.3 PAÍSES COLONIZADOS POR PORTUGAL E SEUS DESENVOLVIMENTOS	17
2.4 PAÍSES COLONIZADOS PELA INGLATERRA E SEUS DESENVOLVIMENTOS	18
2.5 PAÍSES COLONIZADOS PELA ESPANHA E SEUS DESENVOLVIMENTOS	20
2.6 ASPECTOS ECONÔMICOS DOS ANTIGOS COLONIZADORES: PORTUGAL, ESPANHA E INGLATERRA.....	22
2.7 A INFLUÊNCIA DAS COLÔNIAS DA ESPANHA, INGLATERRA E PORTUGAL NO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL DOS PAÍSES COLONIZADOS	23
2.8 DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL DOS PAÍSES: UMA VISÃO ESTRATÉGICA.....	25
3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	27
3.1 CLASSIFICAÇÃO E DELINEAMENTO DA PESQUISA	27
3.1.1 População e Amostra	27
3.1.2 Técnicas de Coletas e Análise de Dados	27
3.1.3 Etapas Operacionais da Pesquisa	28
3.2 DEFINIÇÃO CONSTITUTIVA E OPERACIONAL DAS VARIÁVEIS	28
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	30
4.1 CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DA AMOSTRA	30
4.2 ANÁLISE DESCRITIVA DOS PRINCIPAIS ÍNDICES DE DESENVOLVIMENTOS DOS PAÍSES.....	39
4.3 ANÁLISE FATORIAL EXPLORATÓRIA DOS DADOS	40
4.4 ANÁLISE DE CLUSTER.....	42
4.5 ANÁLISE DE REGRESSÃO LINEAR MÚLTIPLA	45
4.6 ANÁLISE DE VARIÂNCIA – “ANOVA”	47
4.6.1 Testes de Tukey	48
5 DISCUSSÃO DOS DADOS	50
6 CONCLUSÕES	53
7 LIMITAÇÕES DA PESQUISA E SUGESTÕES PARA FUTUROS ESTUDOS	56
REFERÊNCIAS	57
ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

A presente seção tem como objetivo central apresentar o contexto geral da pesquisa, bem como o problema de pesquisa, o objetivo geral, os objetivos específicos e a justificativa que sustenta o estudo.

Nesse contexto, atualmente assistimos, no campo do conhecimento e da produção científica, à reflexão histórica mundial sobre a veemência do reaparecimento do fenômeno colonial, que se impõe não só por sua natureza, mas também pelo fato de um lado permitir repensar, em termos pós-coloniais, a influência das colônias no desenvolvimento social, econômico e político dos países colonizados (DE CASTRO, 2004).

Dos 165 países cuja democracia é examinada no *Democracy Index*, índice desenvolvido e divulgado pelo jornal *The Economist*, 95 foram colonizados por potências europeias em algum momento de sua história. A Europa, vale ressaltar, não poupou esforços para dominar praticamente o mundo todo desde que sua população começou a viajar para outros continentes. O continente americano foi dominado ainda no século XVI, enquanto o continente africano foi fatiado e dividido durante a Conferência de Berlim e praticamente todo tomado e explorado por europeus desde o período imperialista do final do século XIX até o pós-Segunda Guerra Mundial. Esse processo de colonização, dominação e exploração deixou inegáveis legados para as ex-colônias, cada uma com suas peculiaridades ligadas ao período colonial. A influência política, a esse respeito, não foi diferente, pois a colonização deixou heranças no comportamento político dessas nações, especialmente no que tange à consolidação e ao sucesso de suas tentativas democráticas.

As principais potências europeias empreenderam um dos seus maiores feitos de engenharia social com os processos de colonização de territórios em vários continentes. Esses territórios deram origem a países com características específicas, mas com um ponto em comum: a herança deixada pelo colonizador.

Na literatura sobre desenvolvimento econômico, alguns elementos são tidos como cruciais neste processo, como é o caso da qualidade das instituições que determinam os mecanismos de incentivos, para pessoas físicas e jurídicas, do sistema tributário e do nível da capital humano (CRUZ, et al, 2009); da infraestrutura, que é um gargalo importante nas últimas décadas; da qualidade do governo e das políticas macroeconômicas (FIGUEREDO; NAKABASHI, 2016); do investimento em tecnologia,

que, segundo Solow (1956), quando aplicada aos meios de produção é um dos principais fatores para a expansão econômica.

Porém, Bresser-Pereira (1967), em suas abordagens sobre o desenvolvimento econômico, não leva em consideração apenas as questões econômicas, mas também as sociais, como os índices de educação, esperança de vida e de rendimentos. Mas, segundo o referido autor, essa perspectiva tem vários sentidos, dependendo do processo histórico e geopolítico do país e da região (BRESSER-PEREIRA, 1967).

Diante desse breve contexto, a observância dos cenários e tendências das nações perpassam invariavelmente pela reflexão, ao menos curiosa, da relação entre as estratégias históricas almejadas e suas respectivas influências, oriundas de nações colonizadoras, o que possibilita compreender a existência, ou não, da influência histórica do *modus operandis* de suas respectivas “coroas”, sendo as nações colonizadas a resultante socioeconômica e política de suas respectivas nações mandatárias.

Tal explanação, portanto, é o fato orientador da presente tese, que por meio de uma proposição quantitativa de análise, aplicada a uma base de dados históricos, revela a relação *longa manus* entre nações colonizadas e colonizadoras.

Neste sentido, o objetivo central da pesquisa engloba as performances de desenvolvimento dos países colonizados por Espanha, Inglaterra e Portugal no desenvolvimento econômico e social dos países por eles colonizados.

1.1 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA

Partindo do pressuposto da investigação do desenvolvimento dos países, o estudo parte da identificação de fenômenos que podem ser descritos e enquadrados em uma teoria determinada, buscando explorar os indicadores de desempenho econômico e social de cada colônia e colonizador em estudo. Desbravando a revisão de literatura e a metodologia aplicada no presente estudo, destaca-se o seguinte problema de pesquisa:

Qual a relação da origem colonial no desenvolvimento econômico e social dos países por elas colonizados?

1.2 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral da pesquisa consiste em analisar a relação da colônia de Portugal, Espanha e Inglaterra no desenvolvimento econômico e social dos países por elas colonizados.

1.3 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos que subsidiam o objetivo geral deste estudo são:

- a. Identificar os principais índices de desenvolvimentos dos países colonizados;
- b. Identificar a origem da colonização dos países da amostra;
- c. Analisar as congruências e divergências de performance dos países;
- d. Identificar a relação entre o desenvolvimento dos países colonizados e a colonização;
- e. Analisar a relação entre o colonizador e o desenvolvimento do colonizado.

1.4 JUSTIFICATIVA DA PROPOSTA DE PESQUISA

Todo povo tem, na sua evolução, um certo “sentido”, o qual é percebido no conjunto dos fatos e acontecimentos essenciais constituídos num largo período de tempo (PRADO JR, 1981).

Portugal, Espanha e Inglaterra colonizaram alguns países da América, África e Ásia. Os países colonizadores tinham capital (dinheiro) e organização interna (monarquia absolutista) para investir em uma atividade arriscada e cara. Todavia, exploraram intensamente alguns países e implantaram a agricultura para obter produtos tropicais que na Europa, devido ao clima, não podiam ser produzidos. Então, monopolizaram o comércio com suas metrópoles e por essa razão não tinham a possibilidade de fazer comércio e muito menos de desenvolver uma indústria sólida. Tal atraso reflete até os dias de hoje no chamado subdesenvolvimento.

Além disso, houve uma grande influência cultural relacionada a idiomas como o português, o espanhol e o inglês, além de costumes concernentes à culinária. Acabada essa colonização, os países começaram a engatinhar rumo a uma identidade nacional mediante diversos movimentos culturais, como forma de procurar seus ideais próprios. Porém, diversas características dos colonizadores perduram ao longo do período de

submissão. Exemplo disso é a certa dependência econômica de alguns países em relação aos ex-colonizadores.

Nessa perspectiva, em alguns debates, a dúvida permanece: por que os Estados Unidos e o Canadá se desenvolveram tanto economicamente? Se isso não está relacionado com o fato de terem sido colonizados pelos ingleses, então tem relação com o quê?

Segundo Schimidt (1999), o rumo de uma colônia tem pouco a ver com o povo que a colonizou. Ingleses, espanhóis, portugueses, franceses e holandeses tiveram colônias na América que hoje são países do Terceiro Mundo, isto é, países cuja economia é pouco desenvolvida e a grande parte do povo é pobre.

No mundo organizacional, nota-se que os investidores internacionais querem retorno em seus investimentos, ou seja, investirão sempre que calcularem que podem obter lucro. Não iriam, portanto, arriscar seus ganhos por questões políticas ou ideológicas. Em contrapartida, antes do investimento é feito o levantamento de alguns elementos como: história do país, língua, colonização, crescimento econômico, desenvolvimento econômico, políticas internas e outros (ZAMBERLAN, 2008).

Assim sendo, a presente pesquisa se justifica pela necessidade de ampliar a discussão sobre a temática em estudo e pelo fato de existirem na literatura poucos estudos nesta vertente. No entanto, em razão de seu caráter inovador, uma vez que não se observou nenhuma outra pesquisa que tenha realizado um estudo nesta vertente, surgiu a proposta para a elaboração deste trabalho.

O estudo oferece uma contribuição teórica e prática, visando suprir a escassez de bibliografias neste domínio sobre o entendimento da relação entre colônia, colonizador e desenvolvimento dos países colonizados. Ademais, entender esse contexto pode oferecer subsídios para o preenchimento de lacunas no que tange a desenvolvimentos e melhorias de crescimento em todas as esferas dos países em estudo. A pesquisa oferece também uma contribuição no âmbito organizacional, mais especificamente em relação a indicadores de desenvolvimento social e econômico dos países, pretendendo com isso informar os investidores e as organizações sobre os fatores históricos de desenvolvimento de cada país em estudo. Por fim, intenta, ainda, contribuir como um facilitador de investimento e crescimento econômico dos países.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-EMPÍRICA

Nesta seção são apresentados os fundamentos teóricos norteadores, considerados fundamentais para o embasamento da resposta do problema de pesquisa.

2.1 COLÔNIA & COLONIZAÇÃO

Dentre os séculos XV e XVI, alguns reinos europeus conquistaram diversas partes da África, América, Ásia e colonizaram-nas, constituindo regiões fornecedoras de metais preciosos e produtos geradores de grandes lucros na Europa, como o açúcar, o tabaco, o cacau, o algodão, entre outros. Atuaram nesse processo reinos como Portugal, Espanha, Inglaterra e, com menor relevância, França e Holanda (MARCUSSE, 2012).

As colônias apresentavam tanto um viés de exploração quanto de povoamento, e até os dias atuais são consideradas – sobretudo nos países dos antigos colonizadores – como um terreno minado, que não permite a cicatrização das feridas deixadas pelo colonialismo e não ajuda a silenciar um passado incômodo, o que dificulta a reconciliação entre os povos.

O Império Britânico, insta asseverar, foi o maior império em extensão de terras descontínuas do mundo. Era um império composto por domínios, colônias, mandatos e territórios governados ou administrados pelo Reino. Originou-se com as colônias ultramarinas e entre postos estabelecidos pela Inglaterra no final do século XVI e início do século XVII. No seu auge, foi o maior império da história e, por mais de um século, foi a principal potência mundial (FERGUSON, 2008).

A Inglaterra, então, tornou-se o país líder na nova onda de colonização. O interesse da vez era conquistar áreas de influência no mundo, nas quais os produtos ingleses pudessem ser consumidos e dominar regiões que pudessem fornecer matérias-primas necessárias para sustentar as indústrias (FAUSTO, 1994).

Portugal, por sua vez, foi o primeiro país europeu a lançar-se no processo de expansão marítima, sendo que isso não ocorreu por acaso, pois o país possuía algumas vantagens que o favoreceram no período, tais como: posição geográfica favorável, burguesia mercantil acostumada com o comércio marítimo e ausência de guerras em seu território. Tais fatores contribuíram para o desenvolvimento das escolas de navegação mais avançadas da época, como a Escola de Sagres, em 1446 (FERREIRA, 2005).

A Espanha iniciou o processo de colonização de seus territórios americanos com o objetivo de transformar a região em fonte de riquezas e impedir a invasão de outros povos. O colonialismo espanhol foi concomitante com o português e ambos os países dominaram o mundo durante séculos, estabelecendo suas colônias em várias regiões da África, América e do Oriente. Os espanhóis começaram imediatamente a colonização do que é a América, dando início a suas buscas por especiarias e especialmente ouro e prata (FAUSTO, 1994).

Além disso, a Espanha ficou com a quase totalidade do continente americano; Portugal recebeu, pelo tratado, apenas uma parcela do Brasil. Para felicidade dos espanhóis, logo encontraram ouro e prata, que estavam escassos na Europa. Para os Portugueses, infelicidade: o ouro no Brasil só rendeu lucro durante o século XVIII (FAUSTO, 1994).

A exploração das minas de metais preciosos na América deixava o comércio de especiarias dos espanhóis em segundo plano e por isso desenvolveram no local explorado uma colonização bem distinta da portuguesa (FAUSTO, 1994).

A Inglaterra, ao contrário de Portugal e Espanha, investiu suas riquezas acumuladas por intermédio do Mercantilismo, em passos iniciais de industrialização. Assim, em pouco tempo o país alterou a lógica de comércio e de organização econômica de sua sociedade, fazendo o capitalismo florescer de vez. Com isso, as primitivas indústrias inglesas evoluíram e a produção aumentou, gerando mais lucro para o país. O novo momento demandava a conquista de mais mercados consumidores e mais fornecimento de matérias-primas para sustentar seus produtos industrializados (FAUSTO, 1994).

2.2 EVIDÊNCIAS HISTÓRICAS DA COLONIZAÇÃO: UMA VISÃO ESTRATÉGICA

Partimos do pressuposto de que o objetivo da colonização – seja lá qual potência o tenha operacionalizado – é o lucro. Trata-se, portanto, de utilizar aquele território colonizado em proveito econômico da metrópole (SOUZA, 2008). Destarte, em nenhuma das potências o processo se deu de maneira diferente. Além disso, simplesmente não se pode explorar uma colônia sem um certo grau de povoamento, e muito menos povoar sem nenhuma exploração. Assim, todas as colônias tiveram um grau maior ou menor de exploração e de povoamento, concomitantemente.

Na literatura, encontramos a noção da colonização dividida em “povoamento” e “exploração”, sendo que a tese mais difundida é a de que as colônias de povoamento se desenvolveram e se tornaram nações bem-sucedidas social, política e economicamente, enquanto as colônias de exploração geraram países problemáticos e com muitas dificuldades para se desenvolver (MONASTERIO; EHRL, 2015).

Nesse contexto, Acemoglu *et al.* (2001) argumentam sobre diferentes tipos de colonização, juntamente com outros fatores, e explicam as diferenças entre as instituições atuais. Os estudiosos partem de três premissas principais que serviram de base ao argumento: a decisão pelo tipo de colonização (de povoamento – que encorajavam investimentos na própria colônia –, ou de extração – que transferia todas as riquezas da colônia para a metrópole); a estratégia de escolha do tipo de colonização (as regiões em que os europeus se deparavam com altas taxas de mortalidade eram escolhidas como colônias extrativas) e, por fim, o impacto que as instituições formadas no passado provocaram nas atuais e que características dessas instituições existem até hoje (ACEMOGLU *et al.*, 2001).

De mais a mais, Acemoglu *et al.* (2002) comentam a relação existente entre políticas macroeconômicas ruins e a qualidade fraca das instituições presentes nos países. Os autores argumentam que as colônias europeias usadas apenas para extração estão mais propensas a maiores volatilidades e crises econômicas no período pós-guerra. Segundo os autores, os europeus iniciavam ou mantinham instituições econômicas em áreas onde podiam beneficiar-se da extração de metais preciosos e de commodities agrícolas (como o açúcar), mas, mais importante que todos os anteriores, dependendo do número de pessoas e do desenvolvimento apresentado pelos residentes (ACEMOGLU *et al.*, 2002).

Regiões com densa população indígena não eram compatíveis com o interesse de desenvolver boas instituições – que zelassem por direitos econômicos e sociais –; aos europeus interessava explorar essa população mediante taxas, ou tributo, ou escravidão etc. Consequentemente, em colônias com civilizações desenvolvidas e numerosas os europeus não tinham interesse em desenvolver boas instituições, para poder explorar e se aproveitar dessa população. Assim, em lugares em que havia quase nada para explorar e onde a pequena população residente fosse formada, em sua maioria, por europeus, havia o interesse de desenvolver boas instituições econômicas para proteger seus direitos de propriedade (FEIJÓ, 2014).

Acemoglu *et al.* (2004), bem como Lange *et al.* (2006) utilizam as evidências históricas da colonização espanhola e inglesa para argumentarem que diferentes modelos econômicos de colonização afetaram de maneira distinta a riqueza dos países colonizados.

Defendem que os espanhóis tendiam a colonizar áreas com grande extensão de terras, muito populosas e altamente desenvolvidas, concluindo que isso teria trazido consequências negativas ao desenvolvimento pós-colonial de ditas regiões. Os ingleses, segundo os autores, tenderam a colonizar terras menos povoadas e subdesenvolvidas, e, relativamente à colonização espanhola, suas colônias obtiveram resultados mais positivos.

Todavia, no artigo de Acemoglu *et al.* (2001) concernente a Botswana, os autores ressaltam a importância dos fatores históricos da época da colonização específica do país africano, que muito ajudaram a determinar melhores instituições a esse país no período recente e, com isso, este pode desenvolver-se como nenhum outro no mundo. Botswana, vale ressaltar, apresentou a maior taxa mundial de crescimento do PIB nos últimos 35 anos, além de fatores pós-colonização que influenciaram tal desenvolvimento. Os autores também evidenciam por que Botswana possuía instituições relativamente inclusivas no período pré-colonial: o efeito da colonização britânica foi mínimo, portanto, insuficiente para destruir as instituições presentes. Como consequência, o país manteve boas instituições e, assim, chegou a tais níveis de crescimento no passado recente.

2.3 PAÍSES COLONIZADOS POR PORTUGAL E SEUS DESENVOLVIMENTOS

Até os anos 1960, o esforço modernizador de Portugal nas colônias privilegiou a construção e o melhoramento de infraestruturas. O modelo de desenvolvimento assentava na exploração econômica dos recursos naturais e no trabalho forçado dos indígenas, em benefício dos interesses metropolitanos e dos colonos brancos (CASTELO, 2014).

Com o início da Guerra Colonial (1961), o discurso e a prática política mudaram, privilegiando a criação de “sociedades multirraciais” mediante incremento do povoamento branco. O desenvolvimento social, que contempla educação, saúde pública, programas de desenvolvimento comunitário etc., e o bem-estar das populações africanas foram uma preocupação muito tardia do governo português, se comparada com o que se passou nos impérios inglês e francês. Essa mudança foi determinada pelo contexto internacional, pelas recomendações da cooperação técnico-científica internacional e por alguns estudos de pesquisadores sociais e agrônomos portugueses (CASTELO, 2014).

Santos (2012) pontua que, às vésperas do fim do império, os portugueses radicados em Angola olhavam para a metrópole como um país rural, pobre e atrasado, em

comparação com suas comunidades urbanas, em franco crescimento, florescentes, progressistas, modernas. A nacionalização das economias coloniais passou ainda pela abolição, a prazo, da concessão a companhias estrangeiras de funções e privilégios de soberania – como as companhias majestáticas existentes em Moçambique – e pelo regime de pacto colonial, que, na prática, traduzia-se em mecanismos de proteção aos produtos nacionais: as colônias tornaram-se mercados reservados para a produção da metrópole e fornecedores de matérias-primas para as indústrias metropolitanas. Ainda segundo o autor, Portugal, por exemplo, teve administrações coloniais diferentes no que diz respeito ao Brasil, a territórios do continente africano (Angola, Moçambique e Guiné-Bissau) e, ainda, às ilhas São Tomé e Príncipe e Cabo Verde (SANTOS, 2012).

Tabela 1 - Estatísticas de alguns países colonizados por Portugal.

Países	PIB	PIB PER CAPITA	IDH	INF_ND_CONS	T_DESEMPRO
Angola	107,32 bilhões USD	3.669 USD	0,58	18,04%	11,80%
Brasil	1,868 trilhão USD	8.968 USD	0,76	6,50%	11,90%
Cabo Verde	1,97 bilhão USD	3.563 USD	0,65	1,70%	12,20%
Guiné Bissau	1,46 bilhão USD	840 USD	0,46	1%	6,10%
Moçambique	14,43 bilhão USD	473 USD	0,44	4,75%	25,04%
Portugal	238,51 bilhões USD	23.186 USD	0,85	1,00%	7,90%
São Tomé e Príncipe	391,5 milhões USD	2.063 USD	0,59	7,60%	13,90%
Timor Leste	2,03 bilhões USD	2.345 USD	0,63	2,90%	3,40%

Fonte: Adaptada pela pesquisadora, 2019.

2.4 PAÍSES COLONIZADOS PELA INGLATERRA E SEUS DESENVOLVIMENTOS

A Inglaterra investiu suas riquezas para dar início à industrialização e, em seguida, fez o capitalismo florescer. Suas indústrias cresceram e aumentaram a produção, gerando um lucro ainda maior. A industrialização demandou a conquista de mais mercados consumidores e mais fornecimento de matérias-primas. Foi a colônia que mais colonizou territórios, ou seja, foi o maior império em extensão de terras contínuas no mundo. Dentre os países colonizados destacam-se Estados Unidos, Canadá, África do Sul, Austrália, Egito, Índia, entre outros. Alguns desses países colonizados obtiveram grandes desenvolvimentos, e hoje são considerados pelo IDH uns dos países mais desenvolvidos do mundo (MARTINS, 2012).

Temos como exemplo os Estados Unidos, que é a maior potência econômica do mundo, com o PIB estimado em mais de 17,39 trilhões de dólares (2014); seu IDH equivale a 0,92. Outro exemplo é o Canadá, cuja economia é uma das mais influentes a nível mundial, favorecida por sua proximidade com os Estados Unidos e por diversos tratados comerciais. Com grandes reservas de recursos naturais e uma força de trabalho altamente instruída, o Canadá aproveita-se de sólidos prospectos econômicos, que

permitiram um crescimento anual de, em média, 3%, desde 1993. Atualmente, o país possui a décima maior economia do mundo, quando medida pelo seu PIB PPC, ou a nona maior do mundo, quando medida pelo seu PNB PPC (PRADO, 2017).

Por outro lado, nem todas as colônias foram bem desenvolvidas, a exemplo da África do Sul, país considerado assolado por grande pobreza e grande miséria que nele se instalou. Seu IDH é equivalente a 0,67 (2014). Portanto, embora esses países tenham sido colonizados pela Inglaterra, inegavelmente possuem situações diferentes de desenvolvimento. Segundo Zalamena (2018), as consequências de uma colonização dependem muito da intenção do país, seja ela exploração ou povoamento.

A literatura que trata do tema da “colonização” é quase sempre favorável à Inglaterra. Por meio das leituras, dá-se a entender que os ingleses colocaram em prática uma colonização mais leve, no sentido de que suas colônias na América do Norte se desenvolveram com ininterrupto sucesso, empregando-se nesse continente um modelo de colonização entendido como “de povoamento”, e de que se aplicou um *self-government* nos demais continentes, isto é, um “autogoverno”, o qual se aproxima muito do modelo *Indirect Rule* (ZALAMENA, 2018).

A Inglaterra adaptou suas estratégias e seu modelo de *Indirect Rule* de acordo com as especificidades e características próprias de cada território colonizado, o que se pode verificar a olho nu, se compararmos as diferenças entre ex-colônias americanas, africanas e asiáticas colonizadas pelos britânicos. Além disso, tendo sido a primeira potência europeia a se retirar das colônias tardias, logo após a Segunda Guerra Mundial, sem passar por processos desgastantes com guerras pela independência, negociando com as colônias pacificamente e, inclusive, trazendo muitas de suas antigas colônias para a *Commonwealth*, há uma série de motivos pelos quais os países que foram colônias inglesas apresentam um desempenho melhor em termos gerais, inclusive no aspecto concernente à democracia (ZALAMENA, 2018).

Tabela 2 - Estatísticas de alguns países colonizados pela Inglaterra.

PAÍSES	PIB	PIB PER CAPITA	IDH	INF_ND_CONS	T_DESEMPRO
África do Sul	349,30 bilhões USD	6.180 USD	0,7	5,30%	27,50%
Austrália	1,52 bilhões USD	16.702 USD	0,78	2,50%	12,80%
Bahamas	1,323 trilhões USD	47.290 USD	0,94	2,20%	5,50%
Barbados	11,64 bilhões USD	31.255 USD	0,81	1,40%	10,10%
Belize	5,02 bilhões USD	17.859 USD	0,8	4,40%	9,80%
Botswana	1,85 bilhões USD	4.806 USD	0,71	1,10%	9,00%
Canadá	17,17 bilhões USD	7.877 USD	0,72	3,30%	18,10%
Estados Unidos	1.652 bilhões USD	45.077 USD	0,93	1,60%	6,30%
Fiji	19,390 bilhões USD	59.501 USD	0,92	2,10%	4,40%
Gâmbia	5,08 bilhões USD	5.740 USD	0,74	3,40%	4,50%
Gana	1,01 bilhões USD	480 USD	0,46	8,00%	9,40%
Guiana	47,03 bilhões USD	1.663 USD	0,59	12,40%	2,40%
Jamaica	3,63 bilhões USD	4.710 USD	0,65	2,10%	11,80%
Lesoto	14,36 bilhões USD	5.048 USD	0,73	4,40%	12,20%
Malawi	2,77 bilhões USD	1.425 USD	0,52	5,60%	27,20%
Malta	6,21 bilhões USD	324 USD	0,48	11,50%	6,00%
Maurícia	12,54 bilhões USD	27.250 USD	0,88	1,30%	4,00%
Nigéria	12,43 bilhões USD	9.794 USD	0,79	3,70%	6,90%
Nova Zelândia	376,28 bilhões USD	1.994 USD	0,53	16,50%	16,50%
Quênia	201,49 bilhões USD	41.593 USD	0,92	1,90%	4,70%
Reino Unido	79,51 bilhões USD	1.702 USD	0,59	8,00%	11,50%
Santa Lúcia	2.624,53 bilhões USD	39.735 USD	0,92	2,70%	4,40%
São Cristóvão e Névis	1,69 bilhões USD	9.607 USD	0,75	0,10%	21,00%
S. Vic. Granadinas	0,93 bilhões USD	16.296 USD	0,78	0,10%	35,30%
Serra Leoa	0,80 bilhões USD	7.271 USD	0,72	2,00%	18,30%
Ilhas Seichelles	3,64 bilhões USD	491 USD	0,42	18,00%	4,50%
Singapura	1,48 bilhões USD	15.686 USD	0,8	2,90%	3,00%
Sudão	323,9 bilhões USD	57.713 USD	0,93	0,60%	2,20%
Tuvalu	58,24 bilhões USD	1.428 USD	0,5	32,40%	19,60%
Uganda	26,35 bilhões USD	3.638 USD	0,59	2,40%	27,50%
Zâmbia	25,50 bilhões USD	699 USD	0,52	5,60%	12,80%
Zimbabwe	17,49 bilhões USD	1.480 USD	0,59	6,60%	5,50%

Fonte: Adaptada pela pesquisadora, 2019.

2.5 PAÍSES COLONIZADOS PELA ESPANHA E SEUS DESENVOLVIMENTOS

O colonialismo espanhol foi concomitante com o português; ambos os países dominaram o mundo durante séculos, estabelecendo suas colônias em várias regiões da África, América e do Oriente. O fator mais importante da colonização espanhola foi a mineração e a base da economia espanhola eram as riquezas que provinham especialmente da Bolívia, assim como a prata e também o ouro de outras colônias. A mineração foi a atividade que propiciou o crescimento de outras atividades que se interligavam, como a agricultura e a criação de gado, necessárias para o consumo de quem trabalhava nas minas (GASPARETTO, 2010).

A Espanha colonizou alguns países, a exemplo de Cuba, que é sustentada por recursos naturais que variam de minerais como níquel e cobalto e por paisagens tropicais que atraem milhões de turistas todos os anos. O capital humano é um dos principais pilares da indústria do país, com a maior taxa de alfabetização do Caribe (PIRES, 2014).

Em 2004, o índice de pobreza de Cuba era o sexto menor dentre os 102 países em desenvolvimento pesquisados pela PNUD (CARVELLO, 2008). Em 2016, o IDH de Cuba foi 0,775. O maior gasto do mundo com educação, proporcional ao PIB, pertence a

Cuba (8,96% do PIB), e uma das chaves para o sucesso cubano na saúde está no gasto destinado ao setor: 10,57% do PIB em 2015, muito acima de países como Estados Unidos, Alemanha, França e Espanha.

O México (cuja moeda é o peso mexicano) tem uma economia de livre mercado voltada para a exportação. Trata-se da segunda maior economia da América Latina – seu PIB, em 2007, foi de 1,249 trilhões de dólares e o PIB *per capita* foi de 7.700 dólares –, ficando atrás somente do Brasil. Ademais, é a quarta economia do continente americano. No ranking mundial, o México está em 12º lugar. A economia mexicana é feita de uma mistura de indústrias e sistemas agrícolas antigos e modernos, ambos cada vez mais dominados pelo setor privado. Em 2006, o México teve inflação de 3,8% e desemprego de 3,2% (PACIEVITCH, 2006).

O Produto Interno Bruto (PIB) da Guiné Equatorial enfrenta um período de queda. Esse indicador viveu um crescimento acelerado até 2008, mas nos dois anos seguintes foi fortemente afetado pela crise econômica internacional de então. Em 2011 e 2012, a economia nacional conseguiu recuperar a tendência de subida, mas voltou a um período de queda desde 2013. Segundo estimativas do Fundo Monetário Internacional (FMI), o PIB da Guiné Equatorial encolheu 7,39% em 2017 e deverá registrar queda de 7,81% em 2018.

Tabela 3 - Estatísticas de alguns países colonizados pela Espanha.

PAÍSES	PIB	PIB PER CAPITA	IDH	INF_ND_CONS	T_DESEMPRO
Argentina	637,72 bilhões USD	14.467 USD	0,83	4,30%	8,40%
Bolívia	37,12 bilhões USD	3.353 USD	0,69	0,92%	4,00%
Chile	277,04 bilhões USD	15.070 USD	0,84	2,90%	6,70%
Colômbia	309,2 bilhões USD	6.273 USD	0,75	3,33%	9,30%
Costa Rica	58,06 bilhões USD	11.685 USD	0,79	1,85%	8,10%
Cuba	81,56 bilhões USD	12.050 USD	0,78	4,90%	2,60%
El Salvador	28,02 bilhões USD	4.400 USD	0,67	1,50%	6,90%
Equador	102,31 bilhões USD	6.098 USD	0,75	0,33%	4,60%
Espanha	1313,95 bilhões USD	28.359 USD	0,89	2,30%	7,20%
Guatemala	75,66 bilhões USD	4.472 USD	0,65	4,34%	2,70%
Guiné Equatorial	10,73 bilhões USD	12.727 USD	0,59	1,10%	6,90%
Honduras	22,98 bilhões USD	2.766 USD	0,62	4,70%	5,60%
México	1.149,24 bilhões USD	9.304 USD	0,77	4,90%	3,40%
Paraguai	29,62 bilhões USD	4.260 USD	0,7	4,10%	5,70%
Peru	215,22 bilhões USD	6.762 USD	0,75	1,84%	6,70%
República Dominicana	75,02 bilhões USD	7.375 USD	0,74	3,20%	5,40%
Venezuela	210,09 bilhões USD	6.684 USD	0,76	8,20%	9,80%

Fonte: Adaptada pela pesquisadora, 2019.

2.6 ASPECTOS ECONÔMICOS DOS ANTIGOS COLONIZADORES: PORTUGAL, ESPANHA E INGLATERRA

Portugal e Espanha foram os pioneiros e principais países a desbravar territórios além do continente europeu, o que os rendeu certa supremacia no mundo durante algum tempo. A Inglaterra se encaixou exatamente no momento do Imperialismo. O colonialismo dessa nova fase era diferenciado daquele inicial, dominado por Portugal e Espanha. Esses dois países, por sinal, já haviam perdido o posto de liderança mundial em função do grande crescimento econômico da Inglaterra por meio de seus produtos industrializados (INGLESAS, 1981).

Os países que ampliavam suas economias com base em suas indústrias procuravam garantir suas áreas de influência. Assim, era comum que acontecesse a aplicação da cultura dos colonizadores nas respectivas regiões colonizadas, o que espalhou pelo mundo o modo capitalista e europeu de se pensar e conduzir a vida. Ou seja, a Europa começou a ver a si própria no mundo e em relação aos outros povos, especialmente os povos colonizados, a partir desse ponto na história, dando-nos uma ideia da formação do conhecimento global eurocentrista, por intermédio da análise de relatos de viagens produzidos naqueles contextos (NOGUEIRA, 2010).

A história do desenvolvimento econômico e social português, desde o pós-guerra, tem propiciado muitas discussões. Apesar da modernização econômica e social da sociedade portuguesa, a industrialização portuguesa, tardia e parcial, não só conservou durante décadas uma enorme proporção de famílias ligadas à agricultura, como não proporcionou a base econômica e social para um crescimento e diversificação das atividades terciárias semelhantes às dos países plenamente industrializados (MACHADO; COSTA, 1998).

Esses constrangimentos se refletem na estrutura social portuguesa, que se mantém ainda bastante limitada de qualificações escolares e profissionais, evidenciadas na evolução da distribuição das classes sociais em Portugal (MAURITTI *et al.*, 2019). Ainda segundo os autores, esse desenvolvimento não se processou, nem se processa, sem suscitar problemas graves, muitos dos quais esperam solução. Sente-se também que o ritmo de crescimento da economia portuguesa e a forma de evolução social do país não são satisfatórios (SOUSA, 1969).

Nos dias de hoje, espanhóis sofrem com o alto índice de desemprego – principalmente entre os jovens – e a elevada dívida pública. Porém, a economia tem apresentado sinais significativos de recuperação nos últimos dois anos. As reformas

econômicas dos últimos anos – principalmente os cortes de gastos no setor público – já estão surtindo o efeito desejado. A recuperação dos outros países da Europa é outro fator que está ajudando a economia espanhola a alavancar (PINTO, 2015).

A economia da Inglaterra, por sua vez, é uma das mais fortes do mundo e sempre teve um papel importante economicamente. Atualmente, possui uma das moedas mais fortes do mundo, a libra esterlina, cotada acima do dólar e do euro.

2.7 A INFLUÊNCIA DAS COLÔNIAS DA ESPANHA, INGLATERRA E PORTUGAL NO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL DOS PAÍSES COLONIZADOS

Bhabha (1998) define a relação entre o colonizado e os ex-colonizadores, que também pode ser expandida para as novas formas de colonialidade por meio da tentativa de se reproduzir o mesmo que o colonizador: “O que emerge entre a mimese e mímica é uma escrita, um modo de representação, que marginaliza a monumentalidade da História, que muito simplesmente arremeda seu poder de ser modelo, poder esse que supostamente a tornaria imitável” (BHABHA, 1998).

O colonialismo deixou muitas heranças sociais e culturais. Freire (1979) destaca que uma sociedade colonizada sofre com a “cultura do silêncio”, que surge da relação do dominado com o dominante, mas não significa que o dominante impõe uma cultura ao dominado, mas sim que essa “cultura do silêncio” resulta de relações estruturais entre ambos. Essas relações entre o dominado e o dominador têm reflexos no contexto econômico e social, de certa maneira; os dominados absorvem os mitos culturais do dominador, bem como os valores e o estilo de vida da sociedade dominante.

A literatura que trata do tema da “colonização” apresenta o modelo de administração colonial aplicado pelas potências europeias, o qual pode ser dividido em *Indirect Rule*, desenvolvido e posto em prática pela Inglaterra, que se refere basicamente à prática de incluir chefes e líderes locais na administração da colônia, e *Direct Rule*, disseminado pela França e pelas demais potências colonizadoras, incluindo Espanha. Neste, pressupõe-se a exclusão completa das lideranças locais, com a administração da colônia sendo feita apenas por colonos europeus migrantes (MABEKO-TALI, 2013; GERRING *et al.*, 2011).

Os países colonizados pela Inglaterra, cujo modelo de administração foi o *Indirect Rule*, possuem maior facilidade de desenvolver seus regimes democráticos, enquanto aqueles colonizados pela França e demais potências, a partir do modelo *Direct*

Rule, encontram mais dificuldade em desenvolver e consolidar suas democracias. Evidentemente, tais modelos não foram aplicados de maneira idêntica por todas as potências, nem sequer aplicados da mesma forma pela mesma potência em todos os territórios por ela colonizados. Portugal, por exemplo, teve administrações coloniais diferentes no que diz respeito ao Brasil, aos territórios do continente africano (Angola, Moçambique e Guiné-Bissau) e, ainda, às ilhas (São Tomé e Príncipe e Cabo Verde), bem como a Inglaterra adaptou suas estratégias e seu modelo de *Indirect Rule* às especificidades e características próprias de cada território colonizado, o que é possível verificar a olho nu, se compararmos as diferenças entre ex-colônias americanas, africanas e asiáticas colonizadas pelos britânicos (ZALAMENA, 2018).

Dos países colonizados, os mais problemáticos estão localizados no continente africano. Além da colonização, outros fatores explicam a situação complicada da África, tais como suas condições geográficas e econômicas, as rivalidades entre diferentes etnias agrupadas no mesmo território, a pobreza, a fome, as guerras prolongadas, os conflitos de diversos tipos, os golpes de estado e uma série de problemas sociais que praticamente inviabilizam o próprio pensamento democrático (ZALAMENA, 2018).

Acemoglu, Johnson e Robinson (2002) estão entre os expoentes mais conhecidos dessa literatura, e a principal hipótese que levantam é a de que as diferentes condições geográficas e climáticas, bem como as diferentes dotações de recursos naturais resultariam em padrões diferentes de colonização e, por consequência, na criação de diferentes ambientes institucionais.

Furtado (1999), por seu lado, observava as reais características que determinavam o subdesenvolvimento econômico, a elucidação dos conceitos do desenvolvimento e bem-estar social, a participação do Estado, ao assumir um projeto com o intuito de desenvolver a sociedade, e a importância das modificações estruturais rumo ao progresso.

O trabalho de Furtado (1999), portanto, direcionava como agir para o desenvolvimento e apontava o modo de estabelecer política econômica, para que seus planos fossem realmente construídos. Observa-se, ainda, que o renomado economista buscava reduzir desigualdades econômicas, tentando promover um desenvolvimento econômico e social sustentado.

2.8 DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL DOS PAÍSES: UMA VISÃO ESTRATÉGICA

A preocupação com o desenvolvimento dos países sempre esteve presente nos estudos de Economia, ora se referindo ao crescimento da produção e da acumulação de riquezas, ora englobando aspectos distributivos que conferem ao desenvolvimento um significado mais amplo, permitindo a aproximação da Economia com as demais ciências sociais (CRUZ, et al, 2009).

O crescimento econômico difere do desenvolvimento econômico pelo fato de o crescimento estar relacionado com o aumento do Produto Interno Bruto (PIB), da renda, da produção de bens e serviços, ao passo que o desenvolvimento econômico se refere à melhoria na qualidade de vida, na distribuição da renda, do padrão médio de vida da população, nos indicadores socioeconômicos (FURTADO, 1961; OLIVEIRA, 2002).

Porém, é importante pontuar que distinguir crescimento de desenvolvimento econômico no plano histórico só faz sentido a partir de uma perspectiva teórica que supõe possível e frequente aumento da renda *per capita* sem mudanças profundas na sociedade, e isso só pode ocorrer em situações muito particulares (BRESSER-PEREIRA, 2008).

A medida geral de desenvolvimento econômico é a do aumento da renda por habitante, porque esta mede aproximadamente o aumento geral da produtividade; já os níveis comparativos de desenvolvimento econômico são geralmente medidos pela renda em termos de PPP (*Purchasing Power Parity*) por habitante, porque a renda ou produto do país corrigido dessa maneira avalia melhor a capacidade média de consumo da população do que a renda nominal. Há casos, entretanto, especialmente nos países produtores de petróleo, que renda *per capita* não reflete em absoluto o nível de produtividade e de desenvolvimento econômico de um país. Uma alternativa é o Índice de Desenvolvimento Humano, que foi um importante avanço na avaliação do desenvolvimento econômico, mas não substitui as duas rendas por habitante anteriores, antes as complementa (BRESSER-PEREIRA, 2008).

O desenvolvimento econômico supõe uma sociedade capitalista organizada na forma de um estado-nação onde há empresários e trabalhadores, lucros e salários, acumulação de capital e progresso técnico, um mercado coordenando o sistema econômico e um estado regulando esse mercado e complementando sua ação coordenadora. Quando há aumento da renda *per capita*, mas a economia não se transforma, porque não aumenta a produtividade, mas apenas um enclave geralmente de

baixo valor adicionado *per capita*, não ocorre nem desenvolvimento, nem crescimento econômico (BRESSER-PEREIRA, 2008).

Segundo Furtado (1979), o desenvolvimento econômico deve estar alinhado aos aspectos sociais de um país, pois o desenvolvimento passa pela compreensão e mudança estrutural da realidade social. Os indicadores de desenvolvimento mais conhecidos são o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), que varia entre 0 e 1, sendo que quanto mais próximo de 0, menor é o desenvolvimento da localidade e, analogicamente, quanto mais próximo de 1, maior é o desenvolvimento da localidade. Porém, os Indicadores de Desenvolvimento Social com a finalidade de caracterizar mais abrangentemente o desenvolvimento de uma determinada localidade são: Educação, Saúde, Renda, Pobreza (PNUD, 2014). Os países menos desenvolvidos e com uma situação de incapacidade continuada de gerar bem-estar, por força dos problemas estruturais existentes na economia, na estrutura social, nas instituições e na política, todos com causas complexas, circunstanciais e históricas estão localizados, sobretudo, nos continentes africano, asiático e sul-americano; regiões que sofrem não só da ausência de desenvolvimento, mas também do fenômeno do subdesenvolvimento (SILVA, 2007).

Gray (1998) assevera que países subdesenvolvidos apresentam um índice elevado de corrupção que freia o desenvolvimento econômico, fere a integridade do setor privado e desvia recursos financeiros destinados à luta contra a pobreza. Por produzir os mesmos efeitos de um “imposto” camuflado ou de despesas gerais ilegais, a corrupção desencoraja investidores, o que provoca perda de empregos e termina por engessar o país na pobreza (CRUZ, 2007). Ademais, a corrupção também é obstáculo para a criação de pequenas e médias empresas, pois os potenciais empresários preocupam-se em buscar informações que lhes permitam conhecer o mercado no qual atuarão, de modo que possam definir as estratégias empresariais. Como as empresas hesitam em investir face ao custo nitidamente mais elevado da atividade econômica, nos países corruptos com recursos naturais abundantes, a população raramente se beneficia dessas riquezas (GRAY, 1998).

3 PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

Esta seção é dedicada à apresentação e à descrição dos procedimentos metodológicos propostos para a realização deste estudo, suas questões norteadoras, a classificação e o delineamento da pesquisa, bem como as etapas da pesquisa.

3.1 CLASSIFICAÇÃO E DELINEAMENTO DA PESQUISA

O delineamento da pesquisa privilegiou a forma empregada no desenvolvimento da tese, desde sua finalidade até chegar à forma de coleta e análise dos dados. Assim, tipifica-se esta pesquisa como um estudo descritivo e exploratório e de abordagem predominantemente quantitativa.

Em relação aos seus objetivos, a pesquisa caracteriza-se como um estudo exploratório, que, conforme Gil (2008), é utilizado para se obter um primeiro conhecimento sobre temas e fatos menos estudados e menos conhecidos. Ou seja, é uma etapa inicial para um posterior aprofundamento temático. Ainda segundo o autor, esse tipo de estudo busca descrever as características de determinadas populações, fenômenos ou estabelecimentos de relações entre as variáveis (GIL, 2008).

Quanto à abordagem, o estudo é predominantemente quantitativo por proporcionar melhor visão e compreensão do contexto do problema e procurar quantificar os dados e, normalmente, aplica alguma forma de análise estatística (MALHOTRA, 2006).

3.1.1 População e Amostra

Figuram como população da pesquisa todos os países colonizadores e colonizados. A amostra de característica probabilística e intencional é constituída pelos países colonizadores (Portugal, Inglaterra e Espanha) e 54 países por eles colonizados, totalizando para a pesquisa uma amostra de 57 países.

3.1.2 Técnicas de Coletas e Análise de Dados

Optou-se pelo método secundário como origem e técnica de coleta de dados, oriundos de diversos documentos disponíveis em sites institucionais, bases de dados,

artigos científicos, relatórios e sites que divulgam resultados dos países objeto da pesquisa. A análise dos dados coletados ocorreu por meio do *software* IBM SPSS *Statistics* versão 21.

3.1.3 Etapas Operacionais da Pesquisa

A seguir, apresentam-se as etapas operacionais da pesquisa, considerando os objetivos específicos, forma de coleta, período de realização, amostra pretendida, forma de análise e resultados.

Quadro 1 - Representação Metodológica das Etapas Operacionais da Pesquisa.

ETAPAS OPERACIONAIS DA PESQUISA					
Objetivos Específicos	População	Amostra Pretendida	Forma de Coleta	Forma de Análise	Resultados
Identificar os principais índices de desenvolvimentos dos países.	Países colonizados por Portugal, Inglaterra e Espanha.	57 países.	Dados secundários provindos de relatórios e documentos de internet.	Análise Descritiva.	Identificação descobrimento, índice e desenvolvimento dos países.
Identificar a origem de colonização dos países.	Países colonizados por Portugal, Inglaterra e Espanha.	57 países.	Dados secundários provindos de relatórios e documentos de internet.	Análise Descritiva.	Identificação colonizador.
Analisar as congruências e divergências dos países.	Países colonizados por Portugal, Inglaterra e Espanha.	57 países.	Dados secundários provindos de relatórios e documentos de internet.	Análise Fatorial; Análise Cluster;	Identificação, congruência e divergência entre os países.
Identificar a relação entre desenvolvimento e colonização.	Países colonizados por Portugal, Inglaterra e Espanha.	57 países.	Dados secundários provindos de relatórios e documentos de internet.	Análise de regressão linear múltipla.	Relação geográfica.
Analisar a relação entre colonizador e desenvolvimento do colonizador.	Países colonizados por Portugal, Inglaterra e Espanha.	57 países.	Dados secundários provindos de relatórios e documentos de internet.	Teste de diferença de média ANOVA.	Relação colonizador e colonizado.

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

3.2 DEFINIÇÃO CONSTITUTIVA E OPERACIONAL DAS VARIÁVEIS

Nesta seção são apresentadas as definições operacionais e constitutivas da proposta da pesquisa, tendo como objetivo estabelecer a relação teórica dos principais temas a serem desenvolvidos, bem como descrever a forma de aferição das variáveis que

foram definidas. Desse modo, têm-se três constructos, a saber: Colonizador, Desenvolvimento Econômico e Desenvolvimento Social.

Uma vez determinadas as variáveis de análise, o passo seguinte é a definição constitutiva e operacional delas.

➤ **Colonização**

DC: Colonização é o processo pelo qual os seres humanos ocuparam novos territórios pelo mundo (BEZERRA, 2019).

DO: Por meio da análise de regressão linear simples, será verificada sua influência no desenvolvimento dos países colonizados.

➤ **Desenvolvimento Econômico**

DC: Desenvolvimento Econômico é um processo caracterizado por mudanças sociais e mentais da população e seu produto global por habitante (PERROUX, 1987).

DO: No contexto operacional, depois da tabulação dos dados serão verificados, mediante análises, se sofrem alguma influência do colonizador.

➤ **Desenvolvimento Social**

DC: É um processo de melhoria da qualidade de vida de uma sociedade (SILVA, 2012).

DO: No contexto operacional, os resultados dos dados serão analisados a partir de seus indicadores gerados e alinhados aos resultados do desenvolvimento econômico.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, tem-se os dados e resultados da pesquisa, organizados nas seguintes seções: (i) caracterização do perfil da amostra em relação ao ano de descobrimento e libertação; (ii) análise descritiva da origem de colonização e dos principais índices de desenvolvimentos dos países; (iii) Análise Fatorial e Análise Cluster sobre as congruências e divergências dos países, (iv) análise de regressão linear múltipla, em que apresentaremos a relação entre colonizador e desenvolvimento do colonizador e, por fim, o teste de diferença de média ANOVA, para verificar qual das variáveis independentes apresenta maior média perante a variável dependente.

4.1 CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL DA AMOSTRA

A amostra foi formada por 57 países, distribuídos pelos continentes africano, americano, asiático, europeu e também a Oceania. Dos 57 países, três são apresentados como colônias/colonizadores e os outros 54 como países por eles colonizados.

A caracterização do perfil dos países se apresenta por meio dos seguintes dados: Continente; Colonizador; País; Sistema de Governo; Poder Político e Forma de Constituição; PIB; Inflação Sobre o Preço de Consumo; Taxa de Juros Real; Índice de Corrupção; Índice de Gini; Taxa de Desemprego; Facilidade de Investimento; IDH; Expectativa de Vida; População Analfabeta com mais de 15 anos; Despesas em Saúde sobre % do PIB; Despesa em Educação sobre % do PIB; Mortalidade Infantil e % da população Servida de Saneamento Básico de 2012 a 2018. No Quadro 2, apresenta-se a origem dos países colonizados por Portugal, seguido por Inglaterra e Espanha.

Quadro 2 - Origem dos países colonizados por Portugal.

CONTINENTE	COLONIZADOR	PAÍS	SISTEMA DE GOVERNO	PODER POLÍTICO	F. CONST.
África	Portugal	Angola	Sistema Presidencialista	Democrático	República
América	Portugal	Brasil	Sistema Presidencialista	Democrático	República
África	Portugal	Cabo Verde	Sistemas Semipresidencialistas	Democrático	República
África	Portugal	Guiné Bissau	Sistemas Semipresidencialistas	Democrático	República
África	Portugal	Moçambique	Sistemas Semipresidencialistas	Democrático	República
África	Portugal	São Tomé e Princ.	Sistemas Semipresidencialistas	Democrático	República
Oceania	Portugal	Timor Leste	Sistemas Semipresidencialistas	Democrático	República

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Observa-se na tabela acima que Portugal colonizou países nos continentes da África, América, Ásia e também a Oceania. Dos dados mencionados no quadro, São Tomé e Príncipe foi o primeiro país a ser descoberto e Guiné Bissau o último. Hoje, esses países compartilham a língua portuguesa como idioma oficial e fazem parte de organizações como Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP).

O sistema de governo varia entre Sistema Presidencialista e Sistemas Semipresidencialistas. Todos os países são democráticos e a forma de constituição é por república. No entanto, o Quadro 3 apresenta a origem dos países colonizados pela Inglaterra.

Quadro 3 - Origem dos países colonizados pela Inglaterra.

CONTINENTE	COLONIZADOR	PAÍS	SISTEMA DE GOVERNO	PODER POLÍTICO	F. CONST.
África	INGLATERRA	África do Sul	Democrático	Sistema Republicano misto.	República
América	INGLATERRA	Ant. Barbuda	Democrático	Monarquia Constitucional	Monarquia Constitucional
Oceania	INGLATERRA	Austrália	Democrático	Monarquia Constitucional	República
América	INGLATERRA	Bahamas	Democrático	Monarquia Constitucional	Monarquia Constitucional
América	INGLATERRA	Barbados	Democrático	Monarquia Constitucional	Monarquia Absoluta
América	INGLATERRA	Belize	Democrático	Parlamentarista	Monarquia Constitucional
África	INGLATERRA	Botswana	Democrático	Sistema Presidencialista	República
América	INGLATERRA	Canadá	Democrático	Democracia Parlamentar	Monarquia Const. Federal
América	INGLATERRA	E.U.A	Democrático	Sistema Presidencialista	República Federal
Oceania	INGLATERRA	Fiji	Democrático	Sistema Presidencialista	República Parlamentarista
África	INGLATERRA	Gâmbia	Democrático	Sistema Presidencialista	República Presidencialista
África	INGLATERRA	Gana	Democrático	Sistema Presidencialista	República Presidencialista
América	INGLATERRA	Guiana	Democrático	Sistema Semipresidencialista	República Semipresidencial
América	INGLATERRA	Jamaica	Democrático	Sistema Parlamentarista	Monarquia constitucional
África	INGLATERRA	Lesoto	Democrático	Monarquia Constitucional	Monarquia Constitucional
África	INGLATERRA	Malawi	Democracia	Sistema Presidencialista	República Parlamentarista
Europa	INGLATERRA	Malta	S. Democrata	Sistema Presidencialista	República Parlamentarista
África	INGLATERRA	Maurícia	D. Representativa	Sistema Presidencialista	República Parlamentarista
África	INGLATERRA	Nigéria	Democrático	Sistema Presidencialista	República Const. Federal
Oceania	INGLATERRA	N. Zelândia	Democracia	Monarquia Parlamentar	Monarquia Constitucional
África	INGLATERRA	Quênia	Democrático	Sistema Presidencialista	República Presidencialista
Europa	INGLATERRA	Reino Unido	Democrático	Monarquia Constitucional	Monarquia Constitucional
América	INGLATERRA	Santa Lúcia	Democrático	Monarquia Constitucional	Monarquia Constitucional
América	INGLATERRA	São C. Névis	Democrático	Democracia Parlamentar	Monarquia Constitucional

CONTINENTE	COLONIZADOR	PAÍS	SISTEMA DE GOVERNO	PODER POLÍTICO	F. CONST.
América	INGLATERRA	São V. Gram	Democrático	Democracia Parlamentar	Monarquia Constitucional
África	INGLATERRA	Serra Leoa	Democrático	Sistema Presidencialista	República Presidencialista
Oceania	INGLATERRA	Seichelles	Democrático	Sistema Presidencialista	República Presidencialista
Ásia	INGLATERRA	Singapura	Democrático	Sistema Presidencialista	República Parlamentarista
África	INGLATERRA	Sudão	Democrático	Sistema Presidencialista	República Presidencialista
Oceania	INGLATERRA	Tuvalu	Democrático	Monarquia Constitucional	Monarquia Parlamentarista
África	INGLATERRA	Uganda	Democrático	Sistema Presidencialista	República Presidencialista
África	INGLATERRA	Zâmbia	Democrático	Sistema Presidencialista	República Presidencialista
África	INGLATERRA	Zimbabwe	Democrático	Sistema Presidencialista	República Presidencialista

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Conforme observado na tabela acima, a Inglaterra expandiu seu império a praticamente todo o mundo; colonizou países na África, América, Ásia, Europa e Oceania. Dos dados apresentados pela pesquisa, Malta foi o primeiro país a ser colonizado pela Inglaterra, em 1090, na Europa, e Zimbabwe o último país a ser colonizado, em 1910, no continente africano. Contudo, Malta foi o último país a receber a libertação da colonização, em 1984.

Os países colonizados compartilham o inglês como língua oficial e apresentam o sistema de governo democrático. O poder político varia entre Monarquia Constitucional, Sistema Presidencialista, Democracia Parlamentarista, Sistema Semipresidencialista, Sistemas Republicanos Mistos e Parlamentarista. Porém, a forma de constituição de alguns países é: Monarquia Parlamentarista, República Presidencialista, República Constitucional Federal, República Semipresidencial, Monarquia Constitucional Federal e Monarquia Federal. Assim sendo, o Quadro 4 apresenta a origem dos países colonizados pela Espanha.

Quadro 4 - Origem dos países colonizados pela Espanha.

CONTINENTE	COLONIZADOR	PAÍS	SISTEMA DE GOVERNO	PODER POLÍTICO	F. CONST.
América	Espanha	Argentina	Democracia	Sistema Presidencialista	República Constitucional
América	Espanha	Bolívia	Democrático	Sistema Presidencialista	República Presidencialista
América	Espanha	Chile	Democrático	Sistema Presidencialista	República Presidencialista
América	Espanha	Colômbia	Democracia	Sistema Presidencialista	República Presidencialista
América	Espanha	Costa Rica	Democracia	Sistema Presidencialista	República Presidencialista
América	Espanha	Cuba	Socialista	Marxista Leninista Unitária	República Socialista

CONTINENTE	COLONIZADOR	PAÍS	SISTEMA DE GOVERNO	PODER POLÍTICO	F. CONST.
América	Espanha	El Salvador	Democracia	Sistema Presidencialista	República Presidencialista
América	Espanha	Equador	Democrático	Sistema Presidencialista	República Presidencialista
América	Espanha	Guatemala	Democrático	Sistema Presidencialista	República Presidencialista
África	Espanha	G. Equatorial	Democrático	Sistema Presidencialista	República Semipresidencial
América	Espanha	Honduras	Democrático	Sistema Presidencialista	República Presidencialista
América	Espanha	México	Democrático	Sistema Presidencialista	R. Federal Presidencialista
América	Espanha	Paraguai	Democrático	Sistema Bicameral	República Presidencialista
América	Espanha	Peru	Democrático	Sistema Presidencialista	República Presidencialista
América	Espanha	R.Dominicana	Democrático	Sistema Presidencialista	República
América	Espanha	Venezuela	Democrático	Sistema Presidencialista	República Presidencialista

Fonte: Elaborado pela autora, 2019.

Os espanhóis começaram suas explorações e a Espanha colonizou países no continente Americano e Africano, de acordo com os dados apresentados no Quadro 4. Guiné Equatorial, na África, foi o primeiro país a ser descoberto pela Espanha e o último país a ser libertado pela colonização da Espanha. Esses países compartilham o espanhol como língua oficial e são governados pelo sistema democrático, exceto Cuba, que é socialista. O poder político varia entre Sistema Presidencialista, Marxista Leninista Unitária e Sistema Bicameral. A forma de constituição é observada em República Constitucional, República Presidencialista, República, R. Federal Presidencialista e República Socialista.

Dando continuidade à caracterização da amostra, a Tabela 4 apresenta os principais indicadores de desenvolvimento econômico e social das colônias, o que permitiu descrever, a partir do corte longitudinal de 2012 a 2018, os seguintes valores:

Tabela 4 - Índices de desenvolvimento econômico e social das colônias.

	Popu laç 2018	PIB	Inflaç Preço Consu	Taxa de Juros Real	Índice Corru p	Índice Gini	Taxa Pobre	Taxa Desemp	Facili d Invest	IDH	Expectat vida	Popu laç Analf a	Despes Saúde (%Pib)	Despes Educaç (% Pib)	Mortal Infantil	%Popul S_S_B
Por	10.29	216,36	2,81%	0,09 %	63-63	35-32	0,70%	15,50%	29-39	0,82	80,37 anos	5,52 %	9,30%-	4,90%	3,00%	99,10%
	3.718	240,90	-	0,01 %			0,50%	7,00%		0,85	80,98 anos	3,60 %	9,00%	5,10%	3,10%	99,40%
Ing	66.02	2.677,08	1,62%	-1,14%	74-82	36-32	0,20%	8,00%	46-30	0,89	80,90 anos	1,00 %	8,50%-	5,70%	4,10%	99,10%
	2.273	2.828,83	2,40%	-1,40%			0,20%	4,10%		0,92	81,24 anos	0,60 %	9,90%	5,60%	3,60%	99,10%
Eis	46.57	1.336,76	2,40%	0,20 %	65-57	34-32	1,00%	24,80%	11-8	0,87	82,43 anos	2,11 %	9,10%-	4,40%	2,90%	99,90%
	2.028	1.427,53	2,30%	-1,43 %			1,00%	15,30%		0,89	83,10 anos	1,56 %	9,20%	4,30%	2,50%	99,90%

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Conforme os resultados descritos na Tabela 4, a Inglaterra apresenta o maior Produto Interno Bruto de 2012 a 2018 em relação à colônia de Portugal e Espanha. Apresenta o maior IDH (de 0,89 em 2012 e 0,92 em 2018), de acordo com os gastos em saúde e, inclusive, apresenta o maior índice de investimento. Todavia, possui a menor percentagem em relação ao nível de pobreza e menor percentagem em relação ao investimento em saúde.

Verifica-se, ainda, o maior índice de inflação sobre o preço do consumo. Por sua vez, a Espanha, entre as três colônias, apresenta o menor índice de inflação sobre o preço de consumo e maior indicação no nível de pobreza. Porém, das três colônias, Portugal apresenta o menor PIB e inflação. Em contrapartida, maior indicação para o nível de pobreza. A seguir, na Tabela 5, são apresentados os índices de desenvolvimento econômico e social dos países colonizados.

Tabela 5 - Índices de desenvolvimento econômico e social dos países colonizados.

	Populaç 2018	PIB	Inflaç Preço Consu	Taxa de Juros Real	Índic Corrup	Índice Gini	Taxa Pobre	Taxa Desemp	Facilid Invest	IDH	Expe ctat vida	Popula Analfa	Despesas Saúde (%Pib)	Despes Educaç (% Pib)	Mortal Infantil	%Popul S_S_B	Populaç 2018
Portugal	Angola	29.784.193	128,05 105,90	10,03% 18,04%	- 10,51% 8,76%	22-19	58,60% 51,30%	38,60% 41,00%	7,31% 20,00%	178° 175°	0,51 0,54	57,20 anos 60,40 anos	33,00% 29,60%	2,70% 1,83%	3,60% 2,54%	104,90 77,20%	35,60% 39,40%
	Brasil	209.288.27	1,56 1,93	5,40% 6,50%	26,58% 35,00%	43-37	53,30% 53,90%	26,50% 9,00%	5,50% 12,30%	126° 124,°	0,73 0,76	74,49 anos 76,30 anos	8,70% 6,80%	7,80% 8,90%	5,74% 5,95%	17,30% 14,40%	83,70% 86,10%
	Cabo Verde	546.388	1,75 1,98	2,51% 2,51%	9,30% 7,34%	60-55	47,50% 42,40%	46,00% 35,00%	16,80% 12,20%	127° 128°	0,64 0,65	72,13 anos 74,50 anos	14,70% 7,20%	4,60% 4,80%	5,00% 5,40%	23,60% 19,50%	48,20% 50,60%
	Guiné Biss	1.861.283	0,99 1,43	2,16% 1,00%	5,94% -0,75%	25-17	35,50% 50,70%	64,70% 69,30%	6,30% 6,10%	181° 176°	0,40 0,42	55,81 anos 61,00 anos	55,30% 44,70%	4,80% 6,90%	2,00% 2,13%	103,1% 81,50%	19,50% 21,50%
	Moçambi- que	29.668.834	15,18 14,40	2,11% 4,75%	12,90% 20,43%	31-25	54,00% 54,00%	54,70% 46,10%	22,50% 25,04%	142° 138°	0,39 0,44	55,88 anos 58,90 anos	50,40% 43,90%	5,10% 5,40%	6,10% 6,50%	94,70% 73,20%	21,20% 23,60%
	São Tomé	204.327	0,25 0,42	10,61% 7,60%	11,05% 14,50%	42-46	50,80% 56,30%	68,30% 6,20%	13,90% 13,50%	166° 170°	0,56 0,60	66,12 anos 72,33 anos	15,90% 15,10%	5,30% 6,90%	6,30% 5,10%	40,40% 31,20%	36,20% 40,10%
	Timor Leste	1.296.311	6,66 2,75	10,94% 2,90%	11,31% 12,81%	33-38	28,70% 28,70%	50,40% 41,80%	3,20% 3,40%	167° 181°	0,60 0,63	67,80 anos 721,64 anos	41,40% 31,90%	1,20% 3,10%	1,20% 4,10%	57,20% 45,80%	41,40% 44,00%
	África do Sul	56.717.156	396,33 368,14	5,60% 5,30%	3,29% 5,93%	43-43	63,10% 58,32%	16,50% 18,90%	24,90% 27,50%	41° 84°	0,65 0,71	58,54 anos 64,00 anos	12,90% 6,90%	7,80% 8,20%	4,98% 5,90%	43,30% 33,80%	70,60% 73,10%
	Ant. Barbuda	102.012	1,20 1,61	3,40% 2,50%	7,96% 6,67%	68-35	58,40% 56,70%	11,30% 10,23%	8,00% 11,00	66° 113°	0,77 0,78	76,09 anos 77,02 anos	1,00% 1,90%4	5,10% 4,80%	3,00% 3,20%	8,50% 6,40%	87,10% 87,50%
	Austrália	8.809.212	1.569,10 1.420,05	2,60% 1,90%	1,55% 5,40%	85-77	33,60% 34,40%	0,50% 0,70%	4,90% 5,00%	10° 27°	0,93 0,94	82,05 anos 83,00 anos	5,23% 4,00%	10,10% 10,30%	5,00% 5,20%	4,30% 3,70%	100,00% 100,00%
Inglaterra	Bahamas	395.361	10,72 12,43	1,90% 3,40%	1,44% 3,55%	71-71	D.1	1,30% 1,95%	14,20% 10,10%	71° 119°	0,79 0,80	72,08 anos 73,60 anos	2,455 4,40%	7,60% 7,40%	2,23% 4,70%	12,10% 10,20%	92,00% 1 92,00%
	Barbados	285.719	4,18 5,09	4,50% 4,40%	9,75% 4,26%	76-68	42,00% 38,30%	2,45% 3,10%	11,50% 9,80%	76° 128°	0,78 0,80	75,29 anoa 76,90 anos	1,00% 0,29%	8,30% 7,50%	5,30% 5,10%	14,20% 12,20%	95,20% 96,50%
	Belize	374.681	1,56 1,93	1,20% 1,10%	11,02% 10,35%	40-38	53,10% 53,30%	41,00% 41,00%	14,40% 9,00%	104° 135°	0,73 0,71	69,80 anos 77,00 anos	3,20% 5,80%	5,40% 6,20%	6,60% 7,40%	17,70% 13,00%	86,20% 87,20%
	Botswana	2.291.661	16,11 18,62	7,50% 3,60%	10,79% 5,52%	65-61	53,30% 53,30%	18,20% 16,10%3	17,70% 18,10%	65° 87°	0,68 0,72	62,42 anos 69,28 anos	14,90% 14,40%	6,40% 6,00%	6,10% 7,40%	46,10% 36,50%	59,40% 60,00%
	Canadá	36.708.083	1.828,36 1.712,48	1,50% 2,20%	1,77% 0,13%	84-82	34,00% 33,80%	0,40% 0,60%	7,30% 5,80%	17° 23°	0,90 0,93	81,58 anos 82,32 anos	1,00% 1,00%	10,20% 6,00#	5,10% 5,5%	5,5% 5,0%	98,50% 98,50%
	E.U.A	325.719.17	16.197,05 20.580,25	2,10% 2,20%	1,31% 2,41%	73-75	41,50% 41,40%	1,00% 1,80%	8,10% 3,70%	4° 6°	0,91 0,94	81,58 anos 85,23 anos	1,00% 1,00%	16,40% 16,80%	5,20% 5,00%	7,10% 6,50%	100,00% 100,00%
	Fiji	905.502	4,30 5,52	3,40% 3,40%	3,27% 4,58%	20-35	36,70% 36,70%	1,40% 3,20%	6,80% 4,50%	58° 102°	0,72 0,74	69,62 anos 76,10 anos	6,30% 0,90%	3,50% 3,60%	3,90% 4,10%	23,90% 25,60%	92,40% 95,70%
	Gâmbia	2.100.568	1,42 1,63	4,60% 6,56%	23,26% 21,67%	34-30	25,90% 35,90%	25,00% 11,20%	9,40% 9,50%	148° 155°	0,44 0,46	60,19 anos 64,85 anos	50,00% 44,50%	6,00% 6,70%	4,10% 2,80%	71,70% 58,40%	44,10% 41,70%

países africanos apresentaram elevado índice de inflação sobre o Preço de Consumo, com maior realce para Sudão (2012: 35,40% e 2018: 32,40%), Serra Leoa (2012: 13,80% e 2018: 19,23%), Nigéria (2012: 12,20% e 2018: 16,50%) e Malawi (2012: 21,30% e 2018: 10,70%); maior índice de corrupção, exceto Botswana (2012: 65 e 2018: 61), que é considerado o país menos corrupto da África, de acordo com os dados, e com expectativa de vida reduzida, além de elevada taxa de mortalidade, com maiores valores para Gambia (71,70% e 58,40%), Gana (63,30% e 47,90%), Lesoto (96,30% e 81,10%), Malawi (75,40% e 49,70%), Quênia (52,20% e 41,10%) e Sudão (72,00% e 60,30). Com baixo IDH, constam: Gambia (0,44 e 0,46), Lesoto (0,48 e 0,52), Malawi (0,41 e 0,48), Serra Leoa (0,37 e 0,42), Uganda (0,47 e 0,50) e Zimbabwé (0,48 e 0,54). Porém, desses países, os maiores índices de IDH estão na África do Sul (0,65 e 0,71) e em Botswana (0,68 e 0,72).

Numa visão estratégica para possibilidades de novos negócios, esses países apresentam elevada taxa de pobreza. Gambia (25,00% e 11,20%); Lesoto (53,10% e 48,20%); Malawi (50,80% e 52,50%); Nigéria (53,10% e 49,00%); Quênia (40,70% e 36,80%); Serra Leoa (70,20% e 52,90%); Sudão (14,90% e 21,40%); Uganda (35,90% e 41,70%); Zâmbia (62,20% e 57,50%); Zimbabwé (21,40% e 21,20%). Quanto à facilidade de fazer negócio, as economias mais atrasadas nesse item pertencem aos seguintes países: Gambia (139° e 122°); Gana (62° e 118°); Lesoto (139° e 122°); Malawi (161° e 109°); Nigéria (138° e 131°); Quênia (122° e 56°); Serra Leoa (137° e 163°); Sudão (143° e 171°); Uganda (126° e 116°); Zimbabwé (168° e 140°). Com melhores posições nesse item estão África do Sul (41° e 84°) e Botswana (65° e 87°).

Dos países colonizados pela Inglaterra na América, a Jamaica apresenta maior índice de inflação de preço de consumo (6,90% e 4,30%), taxa de juros (10,37% e 8,82%), taxa de desemprego, (13,90% e 8,40%); maior número de população analfabeta (12,90% e 11,10%) e maior índice de mortalidade infantil (17,50% e 14,40%). Quanto à facilidade de fazer negócio, é a economia mais atrasada (91° e 71°). Observa-se na tabela que alguns países colonizados pela Inglaterra apresentam alto índice de desigualdades sociais e pobreza. Todavia, os resultados obtidos nos Estados Unidos da América, no Canadá, na Austrália, em Singapura e na Nova Zelândia apresentam desenvolvimento econômico estável, PIB elevado e boa qualidade de vida. Pelo elevado investimento em educação e saúde, como consta na tabela, esses países têm um padrão de vida mais alto, maior nível de alfabetização e também maior expectativa de vida. A mortalidade infantil, taxa de mortalidade e taxa de natalidade, são baixas. Todas essas características fazem com que

possuam um alto Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Contudo, na Oceania, os países de Fiji e Ilhas Seichelles apresentam os piores indicadores, conforme revelam os números contidos na tabela.

De acordo com os resultados da tabela anterior, os dados da pesquisa apontam que a Espanha colonizou países nos continentes africano e americano. Dos países colonizados pela Espanha, Venezuela (2012: 21,10%; 2018: 83,97) e Argentina (2012: 10,00%; 2018: 40,30%) apresentam o maior índice de inflação de preço do consumo e El Salvador com o menor índice (2012: 1,70%; 2018: 1,50%). Costa Rica, Honduras, Paraguai e Peru apresentam as maiores taxas do juro real. Porém, Venezuela apresenta o maior índice de corrupção, 19 (2012) e 18 (2018), seguido da Guiné Equatorial do continente africano, 24 (2012) e 27 (2018), com maior índice de Gini e taxa de pobreza, conforme tabela. A Colômbia, seguida da G. Equatorial, que tem o maior índice de Gini também, apresenta a maior taxa de desemprego (2012: 10,40%; 2018: 9,50%) em relação aos outros países. Quanto à facilidade de fazer negócio, o Chile apresenta a maior posição: 34º em 2012 e 39º em 2018. A Guiné do Equador apresenta menor IDH e expectativa de vida, e maior taxa de mortalidade infantil. O Chile apresenta o maior IDH e a maior percentagem de população servida com saneamento básico. Cuba destaca-se pelo maior investimento em saúde e educação, conforme os dados apresentados.

De acordo com os resultados da pesquisa, os países menos corruptos, com baixa taxa de pobreza, facilidade de investimento, elevado IDH, expectativa de vida acima dos 80 anos, alta taxa de alfabetização, baixo índice de mortalidade infantil, com 90% a 100% da população servida com saneamento básico são: Argentina, Austrália, Canadá, Chile, Estados Unidos, Malta, Nova Zelândia e Singapura.

Porém, Lesoto e Zimbabwé são países com elevado índice de corrupção, alta taxa de pobreza, pouca facilidade de investimento, baixo IDH, baixa expectativa de vida, alta taxa de analfabetos. Nigéria e Serra Leoa, por sua vez, possuem alto índice de mortalidade infantil; já Angola, Guiné Bissau, Moçambique, Lesoto, Malawi, Nigéria, Serra Leoa, Sudão, Uganda, Zimbabwé, Angola, Venezuela, Bolívia, Moçambique, Guiné Bissau, Guiné Equatorial e Malawi têm pouca percentagem de população servida com saneamento básico. Nota-se que se trata de países, em sua grande maioria, centrados nos continentes africanos e latino-americanos.

4.2 ANÁLISE DESCRITIVA DOS PRINCIPAIS ÍNDICES DE DESENVOLVIMENTOS DOS PAÍSES

Foi realizada a análise descritiva dos dados e com base na média, variância, desvio padrão e coeficiente de variação dos principais indicadores de Desenvolvimento Econômico e Desenvolvimento Social que são: PIB; Índice de Corrupção; Inflação sobre o Preço de Consumo; Facilidade de Investimento; Índice de Gini; Taxa de Desemprego; Expectativa de Vida; População Analfabeta; % População Servida com Saneamento Básico. Os dados estão apresentados na Tabela 6.

Tabela 6 - Estatísticas Descritivas da amostra.

ASSERTIVAS	MÉDIA	DESVIO PADRÃO	COEFICIENTE VARIÂNCIA
PORTUGAL			
PIB	2,571	1,397	1,952%
Inflação_Preço_Consumo	1,571	0,786	0,619%
Índice Corrupção	1,857	1,463	2,143%
Índice_Gini;	2,142	1,069	1,143%
Taxa_Pobreza	1,142	0,377	0,143%
Taxa_Desemprego	1,714	1,253	1,571%
Facilidade_Investimento	4,640	1,964	1,460%
IDH	4,142	1,069	1,143%
Expectativa_Vida;	3,428	0,975	0,952%
População Analfabeta	1,285	0,487	0,238%
% População_S_Saneament_Básico	3,428	1,272	1,619%
INGLATERRA			
PIB	1,967	0,912	0,832%
Inflação_Preço_Consumo	2,741	1,692	2,865%
Índice Corrupção	3,096	1,738	3,024%
Índice_Gini;	1,645	0,950	0,903%
Taxa_Pobreza	2,225	1,687	2,847%
Taxa_Desemprego	2,226	1,175	1,381%
Facilidade_Investimento	3,838	1,267	1,606%
IDH	2,903	1,556	2,424%
Expectativa_Vida;	2,774	1,309	1,714%
População Analfabeta	2,548	1,545	2,389%
% População_S_Saneament_Básico	2,064	1,459	2,129%
ESPANHA			
PIB	2,125	1,024	1,050%
Inflação_Preço_Consumo	3,062	1,289	1,663%
Índice Corrupção	2,312	1,078	1,163%
Índice_Gini;	1,375	0,806	0,650%
Taxa_Pobreza	2,375	1,500	2,250%
Taxa_Desemprego	3,000	0,730	0,533%
Facilidade_Investimento	4,062	1,062	1,129%
IDH	2,500	1,095	1,200%
Expectativa_Vida;	2,500	1,264	1,600%
População Analfabeta	2,875	0,885	0,894%
% População_S_Saneament_Básico	1,500	0,894	0,800%

Fonte: Resultados da pesquisa, 2019.

Após realizar a análise descritiva dos dados, foi possível verificar que, para o Colonizador Portugal, o indicador Facilidade de Investimento obteve a maior média, de 4,640; um desvio padrão igual a 1,964 e um coeficiente de variação de 1,460%. Isso significa que existe uma consistência interna.

Observou-se, ainda, que o indicador Taxa de Pobreza obteve a menor média, de 1,146; o menor desvio padrão, de 0,377, e menor coeficiente de variação, de 0,143% em relação aos outros indicadores analisados.

Para o colonizador Inglaterra, o indicador com maior média foi a Facilidade de Investimento (3,838), o maior desvio padrão (1,738) e o coeficiente de variação (3,024%) foram para o indicador Índice de Corrupção.

Já para a Espanha, assim como para os outros colonizadores, a facilidade de Investimento obteve maior média (4,062); maior desvio padrão (1,500) e variância explicada (2,250) foram apresentados no indicador taxa de pobreza. O índice de Gini, para esse colonizador, obteve a menor média (1,375) e a taxa de desemprego obteve o menor desvio padrão (0,730) e variância explicada (0,053).

Em seguida, foi realizado um teste de normalidade dos dados, em que os valores de assimetria e curtosis para as três colônias ficaram entre 3 e -3, o que significa que os dados apresentam uma distribuição normal.

Na próxima subseção, realizar-se-á a análise fatorial exploratória para verificar se os indicadores PIB, Índice Corrupção, Inflação sobre o Preço de Consumo, Facilidade de Investimento, Índice de Gini, Taxa de Desemprego, Expectativa de Vida, População Analfabeta e % População Servida com Saneamento Básico se agrupam em alguma dimensão.

4.3 ANÁLISE FATORIAL EXPLORATÓRIA DOS DADOS

A análise fatorial exploratória (AFE.), segundo Hair Jr. *et.al.*, (2005), é uma técnica estatística multivariada que permite sintetizar as informações de um grande número de variáveis em relação a uma pequena quantidade de fatores (dimensões).

Para a realização dessa análise, usou-se o KMO (índice de Kaiser, Meyer, Olkin), *Bartlett's Test of Sphericity* e *anti-image* para a matriz de correlação, fator de extração com *Eigenvalues* acima de 1, rotação *varimax*, além da estatística de análise de correlação linear, conforme recomendado por Field (2009).

O teste de Esfericidade de Bartlett apresentou valor de probabilidade igual a 219,634 e a estatística *Bartlett Test of Sphericity* (BTS) apresentou-se significativa ($p < 0,05$); valores que indicam a adequação da análise fatorial.

O KMO apresentou o valor de 0,805, considerado satisfatório, conforme Hair Jr. *et al.* (2009). E a variância explicada é de 67,997%. A Tabela 7 apresenta o resultado da análise fatorial das dimensões.

Tabela 7 - Apresentação do resultado da análise fatorial das dimensões.

INDICADORES	DIMENSÕES		COMUM
	CARGAS FATORIAIS		
	Desenv. Social	Desenv. Econ	
Item 2- Inflação_P_C	0,733		0,540
Item 5- Taxa_Pobreza	0,762		0,597
Item 7- Facilidade_Investimento	0,710		0,505
Item 8- IDH	0,869		0,824
Item 10- População_Analfabeta	0,813		0,734
Item 11- %_População_Servida_S_B	0,800		0,717
Item 3- Índice de Corrupção		0,741	0,771
Item 4- Índice de Gini		0,807	0,751

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Realizada a análise, foram excluídos três indicadores que apresentaram baixas comunalidades: PIB (0,068) Taxa de Desemprego (0,485) e Expectativa de Vida (0,479). Após essa exclusão, todos os indicadores apresentaram comunalidades superiores a 0,50, considerados como satisfatórios. Com a análise, foi possível, também, observar que os indicadores (I-2; I-5; I-7; I-8; I-10 e I-11) fixaram-se na dimensão 1, denominada Desenvolvimento Social, e os indicadores (I-3 e I-4) fixaram-se na dimensão 2, denominada Desenvolvimento Econômico. As cargas fatoriais encontradas demonstram valores acima de 0,60, considerados satisfatórios, pois, segundo Malhotra (2001), aceitam-se resultados acima de 0,60 nas cargas fatoriais e valores iguais ou superiores a 0,50 para as comunalidades.

Feita a análise AFE, deu-se sequência à análise dos dados, fazendo o uso da Análise de Cluster, para verificar quais países se agrupam mediante as dimensões fixadas na análise fatorial.

4.4 ANÁLISE DE CLUSTER

A Análise de Cluster é uma técnica estatística usada para classificar elementos em diferentes grupos, de forma que elementos dentro de um mesmo cluster sejam muito parecidos (SNEATH *et al.* 1973).

Assim sendo, esta análise foi conduzida de acordo com o método não hierárquico (*K-Means*). *K-Means* é um algoritmo não supervisionado que tem o objetivo de identificar os grupos com características similares. Neste contexto, cada observação é considerada um vetor n-dimensional (X_1, X_2, \dots, X_n) (PALLANT, 2001).

Na presente pesquisa, foi analisado se existem grupos com características em comum em relação ao desenvolvimento econômico e social. Tal condução permitiu explorar a quantidade de grupos conforme a teoria de suporte e os dados coletados, como se pode observar no quadro a seguir.

Quadro 5 - Classificação dos *clusters*.

MÉDIA										
PAÍSES	CLUSTERS	DIMENSÕES SOCIAIS							DIMENSÕES ECONÔMICAS	
		Infl. P Consu	Taxa Pobrez	Facilid Investim	IDH	Expect Vida	Populaç Analfab	Populaç S_S_B	Índice Corrupção	Índice Gini
Angola	1	2,80	2,70	2,60	1,23	2,00	1,60	4,10	2,30	
Gâmbia										
Lesoto										
Malawi										
Nigéria										
Quênia										
São Tomé e Príncipe										
Sudão										
Timor Leste										
Zâmbia										
Zimbabwé										
Bolívia	2	1,80	2,00	2,40	2,80	2,00	1,80	5,60	2,80	
Botswana										
Cabo Verde										
Guatemala										

Continuação do Quadro 5 - Classificação dos *clusters*.

MÉDIA										
PAÍSES	CLUSTERS	DIMENSÕES SOCIAIS							DIMENSÕES ECONÔMICAS	
		Infl. P Consu	Taxa Pobrez	Facilid Investim	IDH	Expect Vida	Populaç Analfab	Populaç S_S_B	Índice Corrupção	Índice Gini
África d Sul	3	1,80	1,72	2,52	2,16	2,00	1,68	9,08	2,32	
Bermuda										
Argentina										
Belize										
Brasil										
Colômbia										
Costa Rica										
Cuba										
El Salvador										
Equador										
Fiji										
Guiana										
Guiné Equatorial										
Honduras										
Jamaica										
México										
Paraguai										
Peru										
R. Dominic										
Santa Lúcia										
São C.Neves										
São Vicente										
Seicheles										
Uganda										
Venezuela										
Gana	4	2,00	2,50	2,75	3,50	2,00	1,00	2,25	2,25	
G. Bissau										
Moçambique										
Serra Leoa										
Gana										
Austrália	5	1,23	1,00	1,30	3,75	2,30	3,00	10,00	3,61	
Bahamas										
Barbados										
Canadá										
Chile										
E. U. A.										
Espanha										
Inglaterra										
Malta										
Maurícia										
N. Zelândia										
Portugal										
Singapura										

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Após a realização da análise, a formação de cinco *clusters* foram identificadas. Avaliando as médias das dimensões, o desenvolvimento social possui uma variabilidade bem maior do que a variável “desenvolvimento econômico”.

O Cluster 1 é formado por 11 países africanos que indicaram uma avaliação baixa sobre os itens testados, o que implica pouco desenvolvimento. Tal grupo foi denominado como “Países com desenvolvimento social e desenvolvimento econômico baixo”. Segundo Oliveira (2002), o desenvolvimento econômico refere-se à melhoria na qualidade de vida, na distribuição da renda e nos indicadores socioeconômicos. Observa-se na tabela 5 que esse grupo apresenta maior taxa de pobreza, com uma média igual a 2,70, maior taxa de inflação sobre o preço de consumo com média igual a 2,80 e menor média de IDH, igual a 1,23, comparando com os demais *clusters*.

No grupo 2, formado por três países africanos e um americano, foram verificados índices de desenvolvimentos razoáveis, denominando-os países com desenvolvimento social e desenvolvimento econômico razoável.

Esse grupo, verificado na tabela 5, que apresenta indicadores próximos, é o segundo grupo com maior índice de corrupção, com média igual a 2,80; o terceiro grupo com maior média de IDH, igual a 2,80. Por outro lado, não apresenta nenhum item superior aos demais *clusters*, embora apresente avaliações moderadas/intermediárias sobre os aspectos avaliados em relação ao primeiro grupo.

No grupo 3, comparando os índices dos países individualmente, observa-se que esses países apresentam diferenças quando agrupados. Porém, na formação de cluster esse grupo é o segundo com taxa menor de pobreza, com média igual a 1,72. No índice de facilidade de investimento, é o segundo maior, com taxa igual a 2,52. Ademais, apresenta valores elevados quanto à população servida com saneamento básico, sendo os dois grupos com maior índice com media igual a 9,08. Quanto ao índice de desenvolvimento social, é o segundo mais baixo, sendo denominado “países com desenvolvimento social baixo e desenvolvimento econômico razoavelmente”.

O grupo 4 apresenta a menor taxa de população analfabeta, com média igual a 1,00 em relação aos demais *clusters*. Observa-se também que é o grupo 2 com melhor média de índice de desenvolvimento social, com média igual a 3,50. Verifica-se, ainda, que esse grupo é o menos corrupto em relação aos demais, porém, apresenta a menor taxa de pessoas servidas com saneamento básico e a segunda maior taxa de pobreza. Esse é o grupo intitulado “países com desenvolvimento social e desenvolvimento econômico muito baixos”.

No grupo 5, os países não diferem muito em relação aos aspectos de desenvolvimento econômico e social, como observado na tabela 5. Esse grupo apresenta a menor taxa de inflação sobre o preço de consumo, a menor taxa de pobreza, o melhor IDH e o melhor valor de média de população servida de saneamento básico em relação

aos demais. Mas, apesar de individualmente alguns países apresentarem classificação de país íntegro, na formação do cluster é o grupo com maior índice de corrupção, menor facilidade de investimento e maior média de população analfabeta. Esse grupo é constituído por países do continente americano, asiático, europeu e Oceania, sendo que o cluster é denominado país com desenvolvimento social alto, mas baixo desenvolvimento econômico.

Na análise a seguir, será realizada a regressão linear múltipla, ferramenta útil para avaliar a relação entre uma variável independente (colonizador) e uma ou mais variáveis dependentes (D.S.-Desenvolvimento Social e D.E.-Desenvolvimento Econômico) (MARTINS, 2000). Assim sendo, será analisada a relação entre as variáveis, ou seja, se cada colonizador tem alguma relação com o desenvolvimento dos países por ele colonizado.

4.5 ANÁLISE DE REGRESSÃO LINEAR MÚLTIPLA

Nesta subseção será apresentada a análise de regressão linear múltipla. Fez-se a regressão múltipla por se pretender verificar a relação entre a variável independente e duas dependentes. Todavia, segundo Hair Jr. *et al.* (2005), a análise de regressão linear estuda a relação entre a variável dependente e uma ou várias variáveis independentes.

Ademais, é válido esclarecer que a análise de regressão está muito ligada à análise de correlação. Correlação (r) é uma técnica estatística que testa o nível de associação entre duas ou mais variáveis e serve para verificar o nível de associação (forte, fraca ou inexistente) entre as variáveis independentes.

Na regressão linear simples, no R é apresentado o valor da correlação simples; em R *square* (R^2) é apresentado o valor que a variável independente explica para as variações na variável dependente. Em *Adjusted R Square* é apresentado o valor de R^2 associado à análise dos resíduos. O erro padrão (*Std. Error of the Estimate*) indica a variabilidade dos resíduos (HAIR JR. *et al.*, 2005). Sendo assim, na tabela a seguir, é apresentado o resumo do modelo estimado para análise de regressão linear dos dados da pesquisa.

Tabela 8 - Resumo do modelo da análise de regressão linear.

COLONIZADOR	DESENVOLVIMENTO	R	R ²	R ² - AJUSTADO	ERRO PADRÃO
Portugal	Social	,175	,031	,131,	113,235
	Econômico	,456	,208	,076	1,704
Inglaterra	Social	,036	,001	,032	137,927
	Econômico	,119	,014	,019	1,505
Espanha	Social	,093	,009	,057	763,722
	Econômico	,054	,003	,064	763,722

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Analisando o coeficiente de determinação R^2 no quadro acima, é possível identificar a proporção da variável dependente explicada pela variável independente (MALHOTRA, 2001).

Quando analisados o R quadrado, podemos perceber que os valores são muito baixos, ou seja, o modelo não se ajusta bem aos dados. Observando os resultados para a Variável D.S, o valor R^2 para Portugal é igual a 0,031, o que significa que o modelo explica 3,1% da variância da variável D.S a partir do colonizador. Para Inglaterra, o valor R^2 é igual a 0,001, explicando 0,1%, e para Espanha R^2 é igual a 0,009, explicando 0,9%.

Porém, esse valor apresenta muito pouco poder explicativo sobre a D.S (HAIR JR. *et al.*, 2005). Os valores apresentados por Inglaterra e Espanha são considerados pouco expressivos, permitindo, assim, pouca inferência sobre sua representatividade com a D.S. Nesse contexto, quanto mais próximo de 100% é apresentado o valor que a variável independente explica as variações na variável dependente, melhor será a qualidade de nossa comparação.

No entanto, observando os resultados da análise de regressão para a Variável D.E, o valor R^2 para Portugal é igual a 0,208, o que significa que o modelo explica 20,8% da variância da variável D.E a partir do colonizador. Para Inglaterra, o valor R^2 é igual a 0,014, explicando 1,4%, e para Espanha R^2 é igual a 0,003, explicando 0,3%. Pode-se observar que para essa variável (apesar de baixo), Portugal também apresentou um R^2 (20,8%) com maior poder de explicação em relação aos demais colonizadores. Os resultados das análises para Inglaterra e Espanha não são capazes de explicar a ocorrência da relação do colonizador no desenvolvimento econômico dos países por eles colonizados. Segundo Hair Jr. *et al.* (2005), esses valores são muito baixos e apresentam muito pouco poder explicativo.

Ferreira (2005), abordou que Portugal tinha uma maneira de estar no mundo diferente dos outros colonizadores; definia a colonização como o conjunto de relações entre dois povos de desigual cultura, a fim de lhe oferecer tudo quanto tinha, integrando,

desse modo, sua vida familiar, social, econômica, política e nacional. Porém, Inglaterra e Espanha definiam a colonização como um conjunto de relações entre dois povos de desigual cultura, baseado no interesse comum de duas comunidades, principalmente daquela que foi procurar a outra (FERREIRA, 2005).

Nesse modelo de regressão linear simples, o erro padrão da estimativa é alto para todos os grupos, ou seja, os dados não se ajustam a um modelo. Os valores econômicos dos colonizadores Portugal e Inglaterra podem parecer pequenos, mas não são pequenos o suficiente para serem considerados um bom ou médio modelo ajustado.

Por fim, será realizada a análise de variância que comparará se os grupos possuem médias de desenvolvimentos (D.S e D.E) iguais perante o colonizador, ou seja, se as médias de cada desenvolvimento são iguais ao relacionar-se com o colonizador.

4.6 ANÁLISE DE VARIÂNCIA – “ANOVA”

Para fins de comparação das médias dos desenvolvimentos dos grupos em relação ao colonizador, foi utilizada a análise de variância (ANOVA - *One Way*), seguida pelo teste de Tukey para a comparação entre as médias.

A análise de variância, também chamada de ANOVA, é uma coleção de métodos para comparação de várias médias entre grupos diferentes (VIEIRA, 2000). Por meio dessa partição, a média ANOVA estuda a influência desses fatores na característica de interesse. A Tabela 9 apresenta os resultados descritivos da análise de variância.

Tabela 9 - Resultado descritivo da análise de variância.

COLONIZADOR	DESENVOLVIMENTO	MÉDIA	DV	MÍNIMO	MÁXIMO
Portugal	Social	141,157	113,235	60,00	360,00
	Econômico	3,285	1,5055	1,00	6,00
Inglaterra	Social	152,741	137,927	16,00	640,00
	Econômico	4,000	1,569	2,00	6,00
Espanha	Social	365,687	763,722	30,00	3200,00
	Econômico	3,592	1,596	1,00	6,00

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Após análises, os resultados revelaram diferença de médias dos desenvolvimentos de cada colonizador. O desenvolvimento social está relacionado com o desenvolvimento econômico, uma vez que uma melhor situação de vida pode ser oferecida à população por meio de melhores acessos aos bens e serviços. Pela análise

descritiva, percebeu-se que os países que foram colonizados pela Inglaterra possuem melhor desenvolvimento econômico.

Entretanto, essa é uma análise superficial, pois não é possível verificar se há diferença social e econômica entre os países colonizados por Portugal, Inglaterra e Espanha. Assim sendo, a seguir é apresentado o Quadro 6 contendo o Resumo do modelo da análise de variância.

Quadro 6 - Resumo do modelo da análise de variância.

ANOVA						
		Soma dos Quad.	Df	Quadrado Médio	F	Sig.
Desenv_Social	Entre Grupos	515683,511	2	257841,755	1,399	,256
	Nos grupos	9396730,810	51	184249,624		
	Total	9912414,321	53			
Desenv_Econômico	Entre Grupos	12,671	2	6,335	2,641	,081
	Nos grupos	122,366	51	2,399		
	Total	135,037	53			

Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

De acordo com o Quadro 6, ao nível de significância de 5%, podemos observar que não existe diferença estimativamente significativa entre as variáveis independente e dependente. Ou seja, não há relação entre desenvolvimento social e econômico com o país colonizador.

O valor do teste F também compara o resultado do valor-p, pois um valor de F grande o bastante indica que o termo ou modelo é significativo, e temos exatamente o contrário: valores muito pequenos. Na análise a seguir, usaremos o Testes de Tukey para identificarmos diferenças entre grupos.

4.6.1 Testes de Tukey

Usaremos este teste para identificarmos diferenças entre grupos. A estratégia de Tukey consiste em definir a menor diferença significativa e tal procedimento utiliza a amplitude da distribuição studentizada.

Esse teste estatístico mostra qual categoria de uma variável é diferente, relacionando cada categoria par a par, sendo muito útil na ANOVA, que mostra qual a variável que mais se difere. Após a ANOVA, o teste de Tukey é usado para mostrar qual categoria possui diferença. Assim sendo, observa-se os resultados apresentados na tabela a seguir.

Tabela 10 - Teste de Tuckey sobre o desenvolvimento social e econômico.

VD	(I) COLONIZADOR	(J) COLONIZADOR	DIF. MÉDIA (I-J)	MODELO PADRÃO	SIG.
D. Social	Portugal	Inglaterra	-5,58479	179,62436	,999
		Espanha	-218,53036	194,51729	,504
	Inglaterra	Portugal	5,58479	179,62436	,999
		Espanha	-212,94556	132,13303	,250
	Espanha	Portugal	218,53036	194,51729	,504
		Inglaterra	212,94556	132,13303	,250
D. Econômico	Portugal	Inglaterra	-,71429	,64820	,517
		Espanha	,34821	,70194	,874
	Inglaterra	Portugal	,71429	,64820	,517
		Espanha	1,06250	,47682	,076
	Espanha	Portugal	-,34821	,70194	,874
		Inglaterra	-1,06250	,47682	,076

Fonte: Dados da pesquisa, 2019.

Os resultados da análise da média ANOVA evidenciam que, em nível de significância de até 1%, deve-se rejeitar a hipótese nula de que as médias não diferem estatisticamente entre si (HAIR JR. *et al.*, 2009). Quanto à comparação dos grupos, os resultados obtidos neste trabalho demonstraram que não houve diferenças significativas (Tukey 0,05) entre as médias de nenhum dos países avaliados. Contudo, tanto para o desenvolvimento social quanto para o desenvolvimento econômico dos três colonizadores nenhum apresenta maior valorização de média em relação aos outros. Pode-se afirmar, portanto, que em termos de D.S e D.E os colonizadores são iguais.

5 DISCUSSÃO DOS DADOS

Nesta seção são apresentadas as discussões dos resultados acerca da Influência das Colônias da Espanha, Inglaterra e Portugal no Desenvolvimento Econômico e Social dos Países Colonizados. O primeiro objetivo foi identificar os principais índices de desenvolvimentos dos países.

Inicialmente, fez-se um mapeamento dos principais índices de desenvolvimento para obtenção de dados, estatísticas e informações que apontam as características básicas do desenvolvimento das sociedades. Dentre os principais índices de desenvolvimentos, destacam-se o PIB, a renda *per capita*, o IDH, o Coeficiente de Gini, o nível de desemprego e a oferta de serviços públicos à população (PNUD, 1997).

Identificou-se para o estudo: PIB, Índice Corrupção, Inflação sobre o Preço de Consumo, Facilidade de Investimento, Índice de Gini, Taxa de Desemprego, Expectativa de Vida, População Analfabeta e % População Servida com Saneamento Básico. Esses índices permitiram obter medidas capazes de alavancar o nível de desenvolvimento dos diferentes países contemplados na pesquisa.

A partir da caracterização da amostra, foram identificados a origem da colonização dos países por meio dos seguintes dados: Continente, Colonizador, Sistema de Governo, Poder Político e Forma de Constituição. Os continentes africano, americano, asiático, europeu e também a Oceania foram colonizados principalmente por portugueses, ingleses e espanhóis. Porém, observa-se no estudo que o processo de colonização aconteceu de forma distinta entre os países dos continentes. Portugal descobriu e colonizou países na África, América, Ásia e Oceania. O sistema de governo varia de Sistema Presidencialista e Sistema Semipresidencialista. Todos os países são democráticos e a forma de constituição é por república.

Inglaterra colonizou países na África, América, Ásia, Europa e Oceania. O sistema de governo é democrático; o poder político varia em: Monarquia Constitucional; Sistema Presidencialista; Democracia Parlamentarista; Sistema Semipresidencialista; Sistemas Republicanos mistos e Parlamentarista. Porém, a forma de constituição de alguns países é: Monarquia Parlamentarista, República Presidencialista, República Constitucional Federal, República Semipresidencial, Monarquia Const. Federal e Monarquia Federal.

Espanha, por sua vez, colonizou países nos continentes americano e africano; os países são governados pelo sistema democrático, exceto Cuba, que é socialista. O poder político varia entre Sistema Presidencialista, Marxista Leninista Unitária, Sistema

Bicameral. A forma de constituição é observada em República Constitucional, República Presidencialista, República, R. Federal Presidencialista e República Socialista.

Na pesquisa foi também realizada verificação das congruências e divergências dos países por intermédio da Análise de Cluster, com objetivo de analisar quais países se agrupam de acordo com as semelhanças e divergências em desenvolvimentos social e econômico dos países. Após a realização da análise, a formação de cinco *clusters* foram identificadas.

Os agrupamentos foram formados com base nos continentes e não nos colonizadores. Os países dos continentes americano, asiático, europeu e a Oceania apresentaram maiores semelhanças entre si em relação a integridade, taxa de pobreza, facilidade de investimento, IDH, expectativa de vida, taxa de alfabetização e saneamento básico. As semelhanças entre os países influenciaram no agrupamento: quanto mais semelhantes os países maiores, maior a facilidade de agrupamento, como no caso do cluster 5. São países com elevado IDH e expectativa de vida; apresentam menor índice de corrupção e maior percentagem da população servida com saneamento básico.

Os países do continente africano divergem dos demais, o que permitiu o agrupamento desses mesmos *clusters* entre si, como exemplo nos grupos 1, 2 e 4. Esses países apresentaram entre si maiores semelhanças em Inflação sobre o Preço do Consumo, Taxa de Pobreza, expectativa de vida mais baixa, menos educação e menos taxa de alfabetização, menos dinheiro e uso desigual da riqueza. Além disso, possuem um nível mais elevado de Taxas de Mortalidade Infantil e Taxa de Alfabetização (PEREIRA, 1967).

Pode-se verificar na tabela 5 que Argentina, Austrália, Canadá, Chile, Estados Unidos, Malta, Nova Zelândia e Singapura apresentaram menos corruptos, baixa taxa de pobreza, facilidade de investimento, elevado IDH, expectativa de vida acima dos 80 anos, alta taxa de alfabetização, baixo índice de mortalidade infantil e 90% a 100% da população servida com saneamento básico.

Porém, Lesoto e Zimbabwé são países com elevado índice de corrupção, alta taxa de pobreza, pouca facilidade de investimento, baixo IDH, baixa expectativa de vida, alta taxa de analfabetos. Nigéria e Serra Leoa, por sua vez, possuem alto índice de mortalidade infantil; já Angola, Guiné Bissau, Moçambique, Lesoto, Malawi, Nigéria, Serra Leoa, Sudão, Uganda, Zimbabwé, Angola, Venezuela, Bolívia, Moçambique, Guiné Bissau, Guiné Equatorial e Malawi têm pouca percentagem de população servida

com saneamento básico. Nota-se que se trata de países, em sua grande maioria, centrados nos continentes africanos e latino-americanos.

Na pesquisa, também foi identificada a relação entre desenvolvimento e colonização. Verificou-se, mediante análise de regressão linear, que não existe essa relação, sendo que nos resultados para a Variável D.S, Portugal explica 3,1%; para a Inglaterra, 0,1%, e para a Espanha 0,9%. Todavia, observando a Variável D.E, o valor para Portugal explica 20,8%; para a Inglaterra, 1,4% e para a Espanha 0,3%, embora Portugal apresente maior poder de explicação em relação aos demais colonizadores.

Segundo Hair Jr. *et al.* (2009), esses valores apresentam muito pouco poder explicativo sobre os desenvolvimentos. Nesse contexto, os resultados não são capazes de explicar a ocorrência da relação do colonizador no desenvolvimento econômico dos países. Ademais, outros fatores também explicam/influenciam no desenvolvimento dos países, e não o colonizador.

Segundo Acemoglu *et al.* (2001), diferentes tipos de colonização, juntamente com outros fatores, explicam diferenças nas instituições atuais. Isso parte de três premissas principais como base ao argumento: a decisão pelo tipo de colonização (de povoamento – que encorajava investimentos na própria colônia –, ou de extração – que transferia todas as riquezas da colônia para a metrópole); a estratégia de escolha do tipo de colonização (as regiões em que os europeus se deparavam com altas taxas de mortalidade eram escolhidas como colônias extrativas) e, por fim, as instituições formadas no passado e que afetaram as atuais e mantêm suas características até hoje (ACEMOGLU *et al.*, 2001).

Por fim, foi analisada a relação entre colonizador e desenvolvimento do colonizador. Observou-se, para os três colonizadores, que os desenvolvimentos tanto sociais quanto econômicos apresentam as mesmas médias. Ou seja, a mesma relação que tem o desenvolvimento social é a que tem o desenvolvimento econômico, isto é, nenhuma apresenta maior relevância. De mais a mais, é pertinente pontuar que os desenvolvimentos se relacionam com o colonizador por igual nos três casos.

6 CONCLUSÕES

A presente pesquisa tem como tema de pesquisa: “O Colonizador Importa? A Influência das Colônias da Espanha, Inglaterra e Portugal no Desenvolvimento Econômico e Social dos Países Colonizados”. Nesses termos, o objetivo geral traçado foi analisar a relação das colônias de Portugal, Espanha e Inglaterra no desenvolvimento econômico e social dos países por eles colonizados. Nessa perspectiva, formulou-se o seguinte problema de pesquisa: Qual a relação da colônia de Portugal, Espanha e Inglaterra com o desenvolvimento econômico e social dos países por eles colonizados?

Para dar resposta ao problema e viabilizar a pesquisa, foi realizado um estudo exploratório para um primeiro conhecimento do tema sobre a relação/influência do colonizador e o D.S. e D.E. dos países por eles colonizados.

A técnica utilizada para a coleta de dados foi a secundária: foram recolhidos diversos documentos disponíveis em sites institucionais, bases de dados, artigos científicos e relatórios. Numa primeira fase, os dados foram planilhados no *Excel* e posteriormente tabulados e analisados por meio do *software IBM SPSS Statistics* versão 21.

Feitos esses procedimentos, realizou-se a caracterização do perfil da amostra em relação ao ano de descobrimento e libertação; análise descritiva da origem da colonização e dos principais índices de desenvolvimentos dos países; Análise Fatorial e Análise de Cluster, para verificar as congruências e divergências dos países; análise de regressão linear múltipla, por meio da qual se verificou a relação entre colonizador e desenvolvimento do colonizador e, por fim, o teste de diferença de média ANOVA, para verificar qual das variáveis independentes apresenta maior média perante a variável dependente. Diante do exposto, podemos concluir:

Os principais índices de desenvolvimentos social e econômico identificados foram o PIB; Inflação Sobre o Preço de Consumo; Taxa de Juros Real; Índice de Corrupção; Índice de Gini; Taxa de Desemprego; Facilidade de Investimento; IDH; Expectativa de Vida; População Analfabeta com mais de 15 anos; Despesas em Saúde sobre % do PIB; Despesa em Educação sobre % do PIB; Mortalidade Infantil e % da população Servida de Saneamento Básico de 2012 a 2018. Esses índices permitiram a obtenção de informações para a realização a viabilização da pesquisa (CRUZ, et al, 2008).

Após a identificação dos índices, realizou-se a análise fatorial, que permitiu fixar duas dimensões, denominadas Desenvolvimento Social e Desenvolvimento Econômico.

No que concerne à origem da colonização, Portugal descobriu e colonizou países na África, América, Ásia e Oceania. Hoje, esses países compartilham a língua portuguesa como idioma oficial e fazem parte de organizações como Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) e Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP).

A Inglaterra expandiu o seu império a praticamente todo o mundo; colonizou países na África; América; Ásia; Europa e Oceania, conforme dados apresentados na pesquisa. As ex-colônias compartilham a língua inglesa como idioma oficial. Os Espanhóis, por sua vez, começaram suas explorações nos países do continente americano e africano. Suas ex-colônias têm o espanhol como língua oficial desde sua origem.

Realizada a Análise de Cluster para verificar as congruências e divergências dos países, verificou-se que os países se assemelham e divergem de acordo com os continentes, e não com os colonizadores, de forma predominante. Ou seja, alguns países que têm o mesmo colonizador apresentam diferenças entre si, em termos de integridade, taxa de pobreza, facilidade de investimento, IDH, expectativa de vida, taxa de alfabetização, índice de mortalidade infantil e saneamento básico. Os países dos continentes americano, asiático, europeu e também a Oceania apresentaram mais semelhanças entre si. Todavia, os do continente africano foram divergentes em relação aos outros continentes.

De acordo com os procedimentos metodológicos adotados, os resultados obtidos permitiram dar resposta ao problema de pesquisa e alcançar os objetivos específicos. A resposta ao problema de pesquisa apresentado é: o colonizador não importa, mas sim a forma de colonização, que é relevante no D.S. e no D.E. dos países colonizados. Todavia, os resultados não explicam a influência do colonizador no D.S. e no D.E. de suas ex-colônias.

Segundo Mabeko-Tali (2013) e Gerring *et al.* (2011), o modelo de administração colonial aplicado pelas potências europeias foi dividido em “*Indirect Rule*”, posto em prática pela Inglaterra, e “*Direct Rule*”, disseminado pela França e demais potências colonizadoras, incluindo Portugal e Espanha.

Observa-se que os países colonizados pela Inglaterra, cujo modelo de administração foi o *Indirect Rule*, possuem maior facilidade de desenvolver, enquanto os que utilizaram o modelo *Direct Rule* encontraram mais dificuldade em potencializar e consolidar seus desenvolvimentos (ACEMOGLU *et al.*, 2002).

Apesar de as colônias não influenciarem no desenvolvimento dos países, observa-se que os mais desenvolvidos foram colonizados pela Inglaterra. O desenvolvimento desses países se associa ao conceito da vantagem competitiva. Segundo

Porter (1990), a competitividade das nações envolve características políticas, sociais, culturais e econômicas do seu ambiente de negócios; influencia não apenas a qualidade de vida de suas populações, mas também o desempenho de suas empresas. Ademais, esse desempenho depende tanto das indústrias a que elas pertencem ou a suas características individuais, quanto de seus fatores internos e externos (CRUZ, et al, 2013).

Assim sendo, podemos concluir que não existem evidências materiais que relacionem o atual status de desenvolvimento dos países colonizados com o colonizador, mas ao tipo de colonização, que tem influência sobre os seguintes fatores: política, governo, educação e saúde, integridade do país, aumento da produtividade dos fatores de produção, avanço da tecnologia e outros. Porém, esses fatores devem ser levados em consideração, pois, no contexto organizacional, o retorno dos investimentos e a geração de lucros é essencial. Por isso, uma organização, ao investir num determinado país, analisa se os indicadores econômicos e sociais, a história do país, a língua, a colonização, o crescimento econômico, as políticas internas e outros favorecerão seu desempenho e esse, conseqüentemente, influenciará o desenvolvimento social e econômico local (ZAMBERLAN, 2008).

7 LIMITAÇÕES DA PESQUISA E SUGESTÕES PARA FUTUROS ESTUDOS

Esta tese atende aos seus objetivos propostos, mas o assunto pesquisado não esgotou, porque, assim como em muitos outros trabalhos, este possui limitações que não devem ser ignoradas.

Foi realizada uma coleta de dados secundários que permitiu a obtenção dos dados analisados. Porém, tal coleta apresentou limitações, pois alguns países colonizados por Portugal, Inglaterra e Espanha não serviram como amostra da presente pesquisa, devido à falta de informações nas bases de dados, sites e documentos disponíveis – algumas informações ligadas aos desenvolvimentos econômico e social dos países não são compartilhadas mundialmente.

Outra limitação do estudo é a escassez de bibliografias que tratem da influência/relação da colonização com suas colônias numa vertente estratégica. Com isso, constata-se que existe ainda um longo caminho a ser percorrido no tocante a essa temática.

Para pesquisas futuras, portanto, sugere-se que mais estudos sejam realizados nessa vertente, a fim de que possam ser comparados os sistemas político e cultural, bem como o crescimento econômico de cada colonizador com seus países colonizados, de modo que essas ações sirvam de suporte estratégico para o posicionamento das organizações no mercado. Esta mesma pesquisa também pode ser feita por meio de um estudo comparativo entre os diferentes países da mesma colônia, a fim de investigar se o fato de alguns países serem mais desenvolvidos que outros está relacionado à localização geográfica (continente), ou às estratégias que cada país implementou para o seu desenvolvimento (infraestruturas);

Sugere-se, ainda, que seja realizado um estudo analítico dos relacionamentos atuais de cada país com suas colônias e o impacto desse relacionamento no desenvolvimento desses países; que se analise o porquê de as nações colonizadas pela Inglaterra apresentarem os maiores índices de desenvolvimento e a maior facilidade de investimento. Por fim, sugere-se, inclusive, que os próximos estudos sejam realizados com maior corte longitudinal.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Paulo Roberto de. Falácias acadêmicas, 14: o mito do colonialismo como causador de subdesenvolvimento. *Revista Espaço Acadêmico*, vol. 10, n. 109, pp. 12-26, 2010.

ASSADOURIAN, Carlos *et alii*. *Modos de Producción em América Latina*. Córdoba: Cuadernos de Pasado y Presente. Buenos Aires: Siglo XXI, 1975.

BAQUERO, Marcello. *Capital social, desenvolvimento sustentável e democracia na América Latina*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2007.

BEZERRA, Juliana. *Impeachment do Collor*. Toda Matéria. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/impeachment-de-collor/>. Acesso em: 19 set. 2019.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. A teoria econômica e os países subdesenvolvidos. *Revista de Administração de Empresas*, vol. 7. n. 24, pp. 15-40, jul./set.1967.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. *Crescimento e desenvolvimento econômico*. Notas para uso em curso de desenvolvimento econômico na Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas. Versão de junho de 2008.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. A crise financeira de 2008. *Revista de Economia Política*, vol. 29, n. 1, pp. 133-149, jan./mar. 2019.

CAMPOS, Tiago. *O Livro da Resistência/O Apocalipse*. Joinville SC: Editora Clube de Autores, 2016.

CARDOSO, Ciro Flamarion S. Severo Martínez Peláez y el carácter del régimen colonial. In: Assadourian, C. S. *et alii*. *Modos de producción en América Latina*. Buenos Aires: Cuadernos de Pasado y Presente, 1975.

CASTELO, Cláudia. "Novos Brasis" em África: desenvolvimento e colonialismo português tardio. *Varia história*, vol. 30, n. 53, pp. 507-532, 2014.

COLOMBO, Rinaldo M.; GARAVELLO, Mauro. On the Cauchy problem for the p-system at a junction. *SIAM journal on mathematical analysis*, vol. 39, n. 5: 1456-1471, jan. 2008.

COOPER, Donald R.; SCHINDLER, Pamela S. *Qualitative research. Business research methods*, vol. 4, n. 1, pp. 160-182, 2011.

CRUZ, June A. W. *A União Faz a Força*. Editora Prottexto, 2007.

CRUZ, June A. W.; QUANDT, Carlos, O.; MARTINS, Tomas S. A Cooperação em redes como forma de promoção de desenvolvimento. *Revista Alcance*, vol. 15, n. 2, 2008.

CRUZ, June A. W.; QUANDT, Carlos, O.; MARTINS, Tomas S.; REIS, Julio A.; EL-KUBA, Amir. A Terceirização da Causa Pública: um estudo de caso voltado à

promoção do trabalho sustentável. *Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, vol. 11, n. 32, 2009.

CRUZ, June A. W.; QUANDT, Carlos O.; KATO, Heitor T.; MARTINS, Roberta R. R.; MARTINS, Tomas S. How does the structure of social networks affect the performance of its actors? – A case study of recyclable materials collectors in the Brazilian context. *Resources, Conversation and Recycling*, vol. 78, pp. 36-46, 2013.

DE SOUSA, Alfredo. O desenvolvimento económico e social português: reflexão crítica. *Análise Social*, vol. 7, n. 28, pp. 393-419, 1969.

DOS SANTOS FILHO, Eudaldo Francisco; ALVES, Janaína Bastos. A tradição oral para povos africanos e afrobrasileiros: relevância da palavra. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, vol. 9, pp. 50-76, dez. 2017.

ENGERMAN, Stanley L.; SOKOLOFF, Kenneth L. *Factor Endowments, Institutions and Differential Paths of Growth among New World Economies: a View from Economic Historians of the United*. Disponível em: <https://ideas.repec.org/p/nbr/nberhi/0066.html>. Acesso em: 2 set. 2019.

FEIJÓ, Julianne Holder da Câmara Silva. A capacidade civil indígena. *Revista Brasileira de Direitos Fundamentais & Justiça*, vol. 8, n. 28, pp. 209-228, 2014.

FERGUSON, Niall. *Empire: The rise and demise of the British world order and the lessons for global power*. Basic books, 2008.

FERREIRA, João José Brandão. A Colonização Portuguesa no século XIX à luz da estratégia. *Revista Militar*, Lisboa, n. 2439, pp. 1-47, abr. 2005.

FURTADO, Celso. *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961.

FURTADO, Celso. *Teoria e Política do Desenvolvimento Econômico*. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1969.

FURTADO, Celso. *O mito do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

FURTADO, Celso. *O longo amanhecer*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FURTADO, Celso. *Teoria e política do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

GERRING, J. *et al. An Institutional Theory of Direct and Indirect Rule*. *World Politics*. Vol. 63, n. 3, pp. 377-433, 2011. Disponível em: <http://blogs.bu.edu/jgerring/files/2013/06/Indirectrule.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2017.

GINI, Corrado. Variabilità e mutabilità. *Reprinted in Memorie di metodologica statistica (Ed. Pizetti E, Salvemini, T)*. Rome: Libreria Eredi Virgilio Veschi, 1912.

GLOBALIZATION, Neoliberal Financial. Global economy. In: *Paper presented at the conference organised by the Instituto Internazionale Jacques Maritain Milano*. p. 31. 1998.

HAIR Jr., Joseph. F. *et al. Análise multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman Editora, 2005.

HAIR Jr., Joseph F., *et al. Análise multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman Editora, 2009.

IYER, L. Direct versus Indirect Colonial Rule in India: Long-term Consequences. *Review of Economics and Statistics*, vol. 92, n. 4, p. 693-713, 2010. Disponível em: http://www.hbs.edu/faculty/Publication%20Files/05-041_1feff996-f50e-4e5a-b057e0119cd19a62.pdf. Acesso em: 29 set. 2017.

MADDISON, David. In search of warmer climates? The impact of climate change on flows of British tourists. *Climatic change*, vol. 49, n. 1-2, pp. 193-208, 2001.

MARCUSSE, Alexandre Almeida. A formação do clero africano nativo no Império Português nos séculos XVI e XVII. *Temporalidades*, vol. 4, n. 2, ago./dez. 2012.

MARTINS, L. C. *Relação entre poluição atmosférica e algumas doenças respiratórias em idosos: avaliação do rodízio de veículos no município de São Paulo*. 2000. 97 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) - Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

MARTINS, Ana Raquel Paiva; FERRAZ, Fernando Toledo; COSTA, Márcio Macedo da. *Sustentabilidade ambiental como nova dimensão do Índice de Desenvolvimento Humano dos países*. 2006. Disponível em: <https://web.bndes.gov.br/bib/jspui/handle/1408/13434>. Acesso em: 13 abr. 2019.

MATOS, Sérgio Campos. *Historiografia e memória nacional no Portugal do século XIX*. Lisboa: Colibri, 1998.

MATOS, Sérgio Campos; JOÃO, Maria Isabel. *Historiografia e memórias*. Lisboa: GHFLUL/CEMRI, 2012.

MATOS, Patrícia Ferraz de. *As Cores do Império. Representações Raciais no Império Colonial Português*. Lisboa: ICS, 2006.

MONASTERIO, L.; EHRL, P. *Colônias de Povoamento versus Colônia de Exploração: de Heeren a Acemoglu*. Brasília: Ipea, 2015. Disponível em: http://ipea.gov.br/images/stories/PDFs/TDs/td_2119.pdf. Acesso em: 15 ago. 2017.

MUNDIAL, Banco. Banco Mundial. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/agencia/bancomundial/>. Acesso em: 10 jan. 2020.

OLIVEIRA, Gilson Batista de. Uma discussão sobre o conceito de desenvolvimento. *Revista FAE*, vol. 5, n. 2, pp. 37-48, 2002. Disponível em: <https://revistafae.fae.edu/revistafae/article/view/477>. Acesso em: 10 jan. 2020.

PACIEVITCH, Thais. *Economia do México*. Disponível em: www.infoescola.com/mexico/economia-do-mexico. Acesso em: 10 jan. 2020.

PALLANT, Julie. *SPSS Survival Manual*. Buckingham and Philadelphia: Open University Press. , 2001.

PAROLIN, Sônia Regina H. *Estudo multicaseos sobre atividades inovativas*. R. Adm, vol. 48, n. 3, pp. 608-620, jul./ago./set. 2013.

PERROUX, François. *Ensaio sobre a filosofia do novo desenvolvimento*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

PINTO, Nilton Cezar Pereira. O impacto da crise econômica espanhola na mão de obra imigrante. *Revista Brasileira de Estudos de População*, vol. 32, n. 1, pp. 7-23, 2015.

PIRES, Karen Daniela. *O nacionalismo cubano a partir dos poemas de José Martí*. 2009. 70 f. Monografia (Graduação em História) – UNIVATES – Centro Universitário, Lajeado, 2009.

PORDATA, *Base de Dados Portugal Contemporâneo*. Disponível em: <http://www.pordata.pt/Subtema/Portugal.Publicacoes+Cientificas-83>. Acesso em 13 abr. 2019.

PRADO, Elias Martins Guerra; CARVALHO, Marco Túlio Naves de. *Relatório de viagem ao exterior*. Toronto, Canadá. 2017.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD. O que é o IDH. 2014. Disponível em: <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/conceitos/o-que-e-o-idh.html>. Acesso em: 10 nov. 2019.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO, Instituto de Pesquisa Aplicada, Fundação João Pinheiro, Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Atlas do desenvolvimento humano* [CD-ROM]. São Paulo: PNUD, 1997.

REIS, Jaime Batalha Reis. *Algumas reflexões sobre colonização*. Estudos Geográficos e Históricos, 1941.

Renda Per Capita dos Países. Disponível em: <http://pracademia.blogspot.com/2007/02/42-renda-per-capita-dos-paises.html>. Acesso em: 15 fev. 2020.

SANTOS, Maciel. Borracha e tecidos de algodão em Angola (1886-1932). O efeito renda. *Revista Angolana de Sociologia*, n. 10, pp. 49-74, 2012.

SILVA, Thaís Gaspar Mendes da. *A vigilância social na política de Assistência Social: análise dos aspectos conceituais e operacionais no âmbito municipal*. 2012. Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Política Social) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina/PR, 2012.

SILVA, Thamires Olimpia. *O que é expectativa de vida?*. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/geografia/o-que-e-expectativa-vida.htm>. Acesso em: 13 abr. 2019.

SILVA, J. Amado; AMADO, Luís; LONG, Celeste. *Economia do conhecimento e desenvolvimento econômico social*. Estoril: Princípiã, 2007.

SNEATH, Peter H. A, *et al. Numerical taxonomy*. The principles and practice of numerical classification. W H Freeman & Co, 1973.

SOLOW, R. M. Technical change and the aggregate production function. *Review of Economics and Statistics*, v. 39, nº 8, p. 312-320, 1957.

SOUZA, João Paulo A. Entre o sentido da colonização e o arcaísmo como projeto: a superação de um dilema através do conceito de capital escravista-mercantil. *Estudos Econômicos*, São Paulo, vol. 38, n. 1, jan./mar. 2008. Disponível em: [http:// www. Scielo. br/pdf/ee/v38n1/08.pdf](http://www.Scielo.br/pdf/ee/v38n1/08.pdf). Acesso em: 22 ago. 2017.

Ul Haq, M. (1990). *Human Development Report 1990, Concept and Measurement of Human Development*. Disponível em: http://hdr.undp.org/sites/default/files/reports/219/hdr_1990_en_complete_nostats.pdf. Acesso em: 9 jan. 2020.

VIEIRA, Sonia. *Análise de variância: ANOVA*. Editora Atlas S.A., 2000.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e método. Trad. Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman Editora, 2001.

ZALAMENA, Juliana Costa Meinerz. Colonização e qualidade democrática: apontamentos com base no Democracy Index. *Revista Eletrônica de Ciência Política*, vol. 9, n. 1, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/politica/article/view/54493>. Acesso em: 6 jul. 2019.